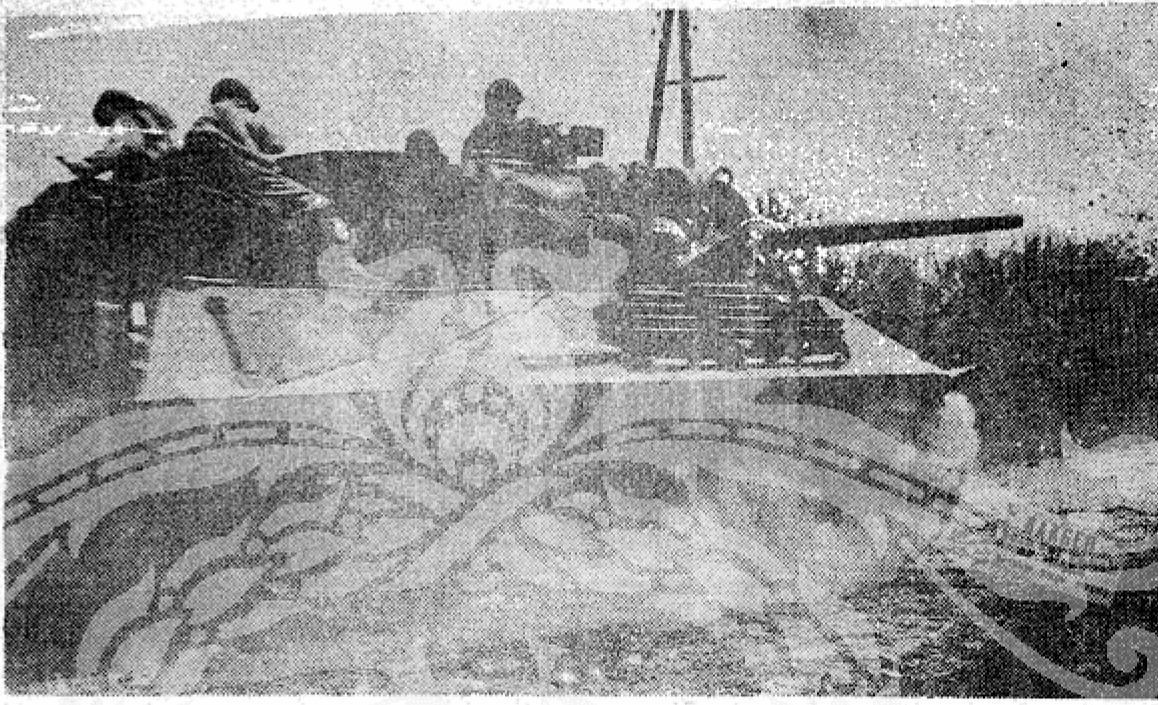
...TARIO - BN
145.388-7



...O COMBATE — Um poderoso tank do exército dos EE. UU. carregado de soldados, dirige... ...a de fogo durante a ofensiva contra as linhas nazistas. A medida que o tank penetra nas li... ...nigas, os soldados descem para eliminar os núcleos isolados de resistência. (*Foto da* ...*ericana*).

...DO EXPEDICIONARIO

...muitas as festas em benefício dos Expedi... O Natal dos que deixaram o lar para de... ...m terras distantes, não podia deixar de ...um movimento de carinho e gratidão, e ...orreram para essa manifestação da sau... ...simpatia dos que ficaram aos que longe da ...sam em nós. As profissionais do bem, ...na sua maioria, têm tôdas as horas va... ...o seu tempo que podia ser gasto em fu... ...as mais úteis e sérias ocupações — fazer ..., distribuir consolo...

...assim que, mais uma vez, êsse exército de ...anjos ...ons" se movimentou para uma obra santa. Organizaram, um "show" interessantíssimo ao qual acorreram os que recebendo alegria, davam para a alegria do soldado no "front". E o sucesso foi imenso. O "Golden-room" mal comportava a multi... ...e e as mesas tinham o aspeto de "corbeil... ...onde as flores humanas misturavam-se com as ... e as orquídeas. Uma idéia da frequência? Não será fácil: nosso cantinho de página não deixa mar... ...para citar mais do que uma pequena fração dos nomes ilustres alí presentes:

...Sr. e Sra. Carlos Guinle. Ministro Marques dos Reis. Sra. Maria Luiza Mello. Capitão Robert Wilson e Sra. Encarregado de Negócios dos E. Uni... ...dos. Sra. Walter Donelly. O comandante da 4ª frota americana Almirante William Munroe. Capitão Charles Rend, adido naval norte americano e Sra. Rend. Snr. e Sra. Xanthaky. Sr. e Sra. Aprígio dos ...Lady Karen Prityman. Sr. e Sra. Alberto de Faria. Comendador Luiz Liberal. Viscondes de Car... ...Dr. Wlademir Alves de Sousa. Sta. Celina Liberal. Sr. e Sra. Emílio Hidal. Sta. Gilda Willemsens. Sr. Alberto Proença de Faria. Sr. Jacinto Tormes. Sr. e Sra. Otávio Simonsen. Sta. Lisa Possolo. E "tout Rio" elegante alí se encontrava concretisando sorrisos e pensamentos em delicadas lembranças para as botas rudes dos nossos combatentes que lutam na Europa.

E o mar acompanhando o rítmo das músicas do "golden-room" parecia dizer na sua melopéia compassada: Paz, Senhor— Paz! Papai Noel do Soldado!..."

EXPOSIÇÕES

Inaugurou-se, a 8 de dezembro p. p. a 8ª exposição de pintura da miniaturista Izabel Barros Cruz, no "Hall" do Teatro Phenix. Especialista no gênero, Izabel oferece sempre aos "afficionados", uma coleção de trabalhos interessantes e delicados que encantam e são rapidamente adquiridos. Mais uma atraente modalidade foi apresentada agora — a miniatura sôbre marfim. Nesse gênero, como nos outros, há coisas verdadeiramente encantadoras — tais como flores, procissões, motivos folclóricos ou típicos do Brasil. Como de hábito, Izabel atrairá os admiradores da arte pictórica a êste certame original.

Também a pintora Edith Gonçalves expõe algumas joias ao lado das de Izabel. São retratos em miniatura, sôbre marfim, verdadeiras belezas modernas com feição de esmaltes antigos. Esta artista que óra surge, tem sua carreira garantida pelo muito que agradam os seus trabalhos. E, por muitos dias ainda, o Rio poderá admirar no "hall" do Phoenix, um punhado de coisas realmente bonitas.

FON FON

A Revista feita para o Lar

ANO XXXVIII
NUMERO 1
Rio de Janeiro
6 de Janeiro de 1945

* * *

Diretor: SERGIO SILVA

Direção, Redação e Oficinas:

RUA DA ASSEMBLÉIA, 62

Tel.: Diretor: 22-0377
Gerência e Publicidade: 22-4136
Caixa Postal, 97
End. telegr.: FON-FON
Rio de Janeiro

* * *

SUCURSAL EM SÃO PAULO
Diretor: Werther Sarinello
Rua São Bento, 220 — 3.º andar
Telefone 2-1512
Caixa Postal 386
End. Telegráfico: Sarinello

* * *

Toda a correspondência deve ser dirigida á COMPANHIA EDITORA FON-FON E SELETA

* * *

Representantes na Europa: Comptoir International de Publicité International de Publicité (Garçon & C. Lavindrey) Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII. Ludgate Hill. Londres.

* * *

Venda avulsa . . Cr$ 1,50
Número atrazado Cr$ 2,00
Número atrazado pelo Correio .. Cr$ 2,50

* * *

PREÇOS DAS ASSINATURAS EM TODO O BRASIL
(Porte simples)
Ano ..... (52 ns.) Cr$ 70,00
Semestre (26 ») Cr$ 36,00
(Registrada)
Ano ..... (52 ns.) Cr$ 96,00
Semestre (26 ») Cr$ 50,00

As assinaturas terminam e começam em qualquer mês.

DIANTE do teu velário, que ainda se descerra, novo ano, eu vejo uma porção de esperanças bracejando, como sombras aflitas, num cenário indefinido. Ainda não se fixaram os contornos do teu destino. És um esbôço na penumbra do futuro. Vês das promessas da vida. Embalam-te os primeiros passos, incertos e vacilantes, tôdas as ilusões e todos os anseios dos homens. Em tôrno de tua plácida figura matinal há uma inquietação de desejos insatisfeitos, de alucinados projetos de felicidade. Agitam-se os sonhos impossíveis que o teu antecessor, perfidamente, semeou nos corações ingênuos. Os desenganos que vieram de dezembro não se julgam mais desenganos, porque esperam a transfiguração das atitudes humanas em face do teu límpido amanhecer. E a poesia da emoção ilumina, esplendidamente, o teu deslumbrante cenário, em que se diluem esplendores e perfumes de primavera. Não tens, ainda, lugar para desalentos, nem aceitas, ainda, os doentes da melancolia. És alegre na tua infância. Possues a fascinação das paisagens novas, em que as flores vicejam na opulência dos jardins selvagens. Tudo, em ti, novo ano, tem a beleza e a festa das alvoradas. Os pássaros cantam, liricamente, sob a claridade radiosa do teu sol. Tocadas da tua sedução, as almas se vestem de harmonias fagueiras para a aleluia da esperança. E o mundo, sob a inspiração da tua juventude, confia mais no seu destino.

Oração ao Novo Ano

Novo ano! Depende de ti a vitória da fé. Os homens creem no teu sorriso. E tornam-se menos ásperos dulcificados pelo teu otimismo. A ilusão é a essência da felicidade. Conserva o encanto de tua aurora acenando para o desencanto dos pessimistas. E dá á vida essa alegria rutilante das madrugadas tropicais, sonorizadas de gorjeios e impregnadas de ternura.

Espiritualiza o amor. Mata a descrença. Detém o delírio das ambições. Eterniza a mocidade das almas. Purifica o sentimento. Ampara os desalentados.

A onda materialista que agita o mundo ameaça destruir a sensibilidade humana. Está nas tuas mãos a defesa dêsse luminoso patrimônio. Exalta e enaltece as conquistas do espírito. Prolonga a tua esplêndida manhã distribuindo venturas e colhendo, suavemente, as flores do sentimento. Distancia-te sempre das sombras crepusculares e envolve o teu destino na luz das alvoradas. Não envelheças em doze meses, novo ano!

Mostra aos homens o caminho da solidariedade e do perdão. Dissolve, nas tuas galas estivais, tôdas as angústias que atormentam e dilaceram a inteligência humana. Transforma o fel das amarguras. Mistura-o com o vinho ebriante da tua mocidade. Condena o sofrimento. Aplaca a ira das vinganças. Aquieta a fúria dos ódios. E derrama, na alma torturada dos cépticos, a doçura tranquila da bondade.

O mundo está esfacelando-se na angústia da sua alucinação. Não há mais altruismo. Não há mais piedade. Não há mais desinterêsse. Amacia, novo ano, a aspereza do coração humano, nesta hora sangrenta e amarga da civilização, e torna a vida mais doce para que mais doce fique o desespêro universal. Teu otimismo é uma exortação. Tua alegria é um conselho. Faze dêsse otimismo e dessa alegria a glória dos teus triunfos ensinando aos homens o sentido da fraternidade e do amor.

A vida não é má. Tem encantos envolventes. Mas traz, sempre, a monotonia e o cansaço das decepções, quando as ilusões não se renovam.

E tu és, novo ano, uma ilusão da vida....

MARTINS CAPISTRANO

NDO FALA A
IENCIA

ouvir-lhe a advertencia.
flacida, sem viço, é co-
velhice precoce. O uso
ne Rugól, em massagens
fortalece os tecidos e
a epiderme, porque
infiltra até ás camadas
neas, agindo como revi-
r. Com Rugól a pelle
erva sadia, sem cravos,
s, manchas e rugas.

Creme
UGÓL
PREITAS, LTDA. • S. PAULO

CONTRA CABELOS BRANCOS
E QUEDA DOS CABELOS
JUVENTUDE
ALEXANDRE

MENINO POBRE

MENINO pobre, de coração ofegante e de olhos acêsos, tão perto chegas da vitrina iluminada, na sofreguidão louca de possuir e desejar, que embacias, com o teu hálito o vidral que te cerca o ímpeto inocente, que põe, impassível, num mínimo espaço, entre a sedução com que acena e a avidez em que te arrebatas, o reflexo da miragem das distancias intangíveis... Menino pobre, tú és feliz, mais ditoso do que todos, porque o teu desejo é uma ilusão, tua estasiada aspiração é uma quimera etérea como um perfume de pétala esmagada!

Vês tudo deslumbrado, tudo transfiguras. Enfeitiças de alegria a ciranda dos fantoches que rodopiam á música de um realejo, que só tú escutas. Adivinhas o pensamento de tudo, a idéia de todos. És vidente, creador e mago. Conheces o inimigo do batalhão de soldadinhos de chumbo, desvendas o segredo da eterna abstração dos olhos estáticos das bonecas, sabes de que selvas veio o índio belicoso, de que nevoas chegou o urso de lã felpuda, conjeturas no destino da cigana vestida de bandeiras com remendos de baralhos. Fazes de um caiunga, um herói: arquitetas, de cada miniatura, um mundo. Porque não alcanças, imaginas. Porque não possues, aspiras. Fica com a tua imaginação, que é felicidade, só com o teu sonho que é idílio, enlêvo, graça. E voltarás sempre a desejar, e acharás sempre, mesmo na tua velhice, que são lindos os brinquedos que nunca possuiste.

Contempla, de longe, as bonecas vestidas de princeza, sob grinaldas de rainhas, sob mantos de fadas, enevoadas de véos de noiva, e pensa no seu reino distante, no seu trono de veludo e oiro, no seu talamo de arminho e pluma, e sonha que sob o seio de porcelana e lasca, elas têm coração, êsse frêmito de vida, que emprestas a tudo, essa alma que insuflas sob o peito ôco de charão ou laca. Olha a farandula de arlequins, a sarabanda tonta dos polichinelos, os palhaços, os anões, os jograes, todos estão a rir de uma alegria que é rara, depois, na vida... Segue o trem de ferro para as tuas viagens imaginárias, em cujo fim, qualquer destino é sempre a gloria. Acompanha o navio de papel, aproando para o alto mar sonoro de sereias que não enganam, termulinando de luz, que não se apaga, juncado de coraes que não sangram, de pérolas que não adoecem, para o qual todo o porto é bonança, todo o rumo é remanso!

Menino pobre! Se possuires aquele tambor, que imaginas a ruflar em marcha para a vitória, um dia irás romper a pele esticada e estridente, para procurar o mistério do som; se estiver ao alcance de teus gestos mímicos aquela corneta reluzente, que conjeturas a clarinar acordando as alvoradas, irás quebrá-la num instante para conhecer, na garganta de metal, o segrêdo da vibração guerreira.

Menino pobre... Tú és feliz porque não quebraste o teu brinquedo. Porque não o possues, terás a impressão de que nunca cresceste... A posse é um desencanto no egoismo. A conquista, uma ilusão que fenece; a sabedoria, uma tristeza.

A vida vale só pelo que sonhamos, e quase nada pelo que se alcança.

EDVARD CARMILO

(Do livro *"Brinquedo"*)

PERFUMAM OS MAIS BELOS PENTEADOS!

Orygam - Rêve Rose - Narciso Azul

Paris e Harpa

A VENDA EM TODO O BRASIL

O effeito da Loção Brilhante será immediato. Seus cabellos se tornarão naturalmente ondeados, vigorosos e luzidios. O couro cabelludo ficará limpo, livre de caspa e da seborrheia. A experiencia custa pouco, e vale a pena fazel-a.

Loção Brilhante

O CONTO BRASILEIRO

PAISAGEM

De MARIA LECTICIA.

O quadro foi colocado no lugar principal da sala. Era uma bela pintura a óleo, obra prima de célebre artista. Representava um pedaço de terra tranquilo, pitoresco, perdido entre uma infinidade de palmeiras verdes. Perto, o mar, na sua vastidão terrivel e bela, era acariciado pela luz fria, serena, da lua, enorme, branca, etenamente poética. Ao fundo, uma singela casinha solitaria, despretenciosa como seus dois únicos moradores, um casal muito jovem, que se via sentado no batente da portinha de pouca altura. Muito juntos, amorosos, felizes, pareciam um casal de periquitos.

Na sua moldura, artisticamente doirada, a tela atráia todos os olhares. Uns, por mera curiosidade, outros, avaliadores monetários, alguns, admirativos e um, somente, por senso artístico, compreensivo. Contemplou-a, durante muito tempo, silencioso. Rendia uma homenagem muda á verdadeira arte. Era concientemente esteta.

Seus dois irmãos, a irmã e o pai repararam na sua abstração profunda. Seu espírito estava distante: nas regiões do belo. Resolveram trazê-lo, de novo, á realidade, terra a terra. Disse um dos rapazes.

— Hein, Gilberto, acorda! Pareces o autor do quadro. Ficas em êxtase diante dêle...

Teve um ligeiro sobresalto. Sorriu; depois, afirmando, por todo comentário:

— E', inegualavelmente, perfeito!

E, com ar despreocupado, lançou um último olhar á tela, afastando-se, após, assovianndo um trecho da "Tosca".

Entrando no seu escritório, sentou-se em frente á escrivaninha, abriu um bloco em branco, afinou bem a ponta do lapis, mordeu o seu lado contrário, perdendo-se em divagações.

Dalí a minutos, satisfeito, sorriu, como quem achou, afinal, o tema desejado. Aproveitando a inspração, atacou, resoluto, o papel. Colocou o título: "O passado não volta".

Tinha por hábito tirar o enrêdo do título, e não êste daquele, conforme fazem muitos escritores. Por isso, levava mais tempo para batizar uma história do que para imaginá-la.

Começou o primeiro capítulo. Escreveu, escreveu, até anoitecer. Chamaram-no para jantar. Não foi. Sabia que, se interrompesse a narrativa, no ponto em que estava, não conseguiria reiniciá-la, depois, com o mesmo entusiasmo, com tanta propriedade de termos. Aceitou, apenas, uma fatia de bolo, um cálice de vinho do Porto, e fumou um cigarro.

Os primeiros clarões da aurora encontraram-no escrevendo, ainda. Deu, então, por findo o seu trabalho daquele dia. Sentia-se exhausto, mas satisfeito. Adiantara a sua obra e ela lhe parecera boa.

Estendeu-se na cama, mesmo vestido, e adormeceu.

Ás treze horas acordou. Levantou-se, almoçou e, novamente, engolfou-se no trabalho.

Assm, os dias, as semanas, os meses passaram, rápidos. Numa brumosa manhã de setembro. Gilberto terminou, afinal o último capítulo de seu romance. Suspirou, contente. Considerava áquela a sua obra prima. Estava convencido de que a história era interessante, tinha estilo próprio e, sobretudo, estava muito bem escrita. Sintetizando os fatos, tratava-se do seguinte:

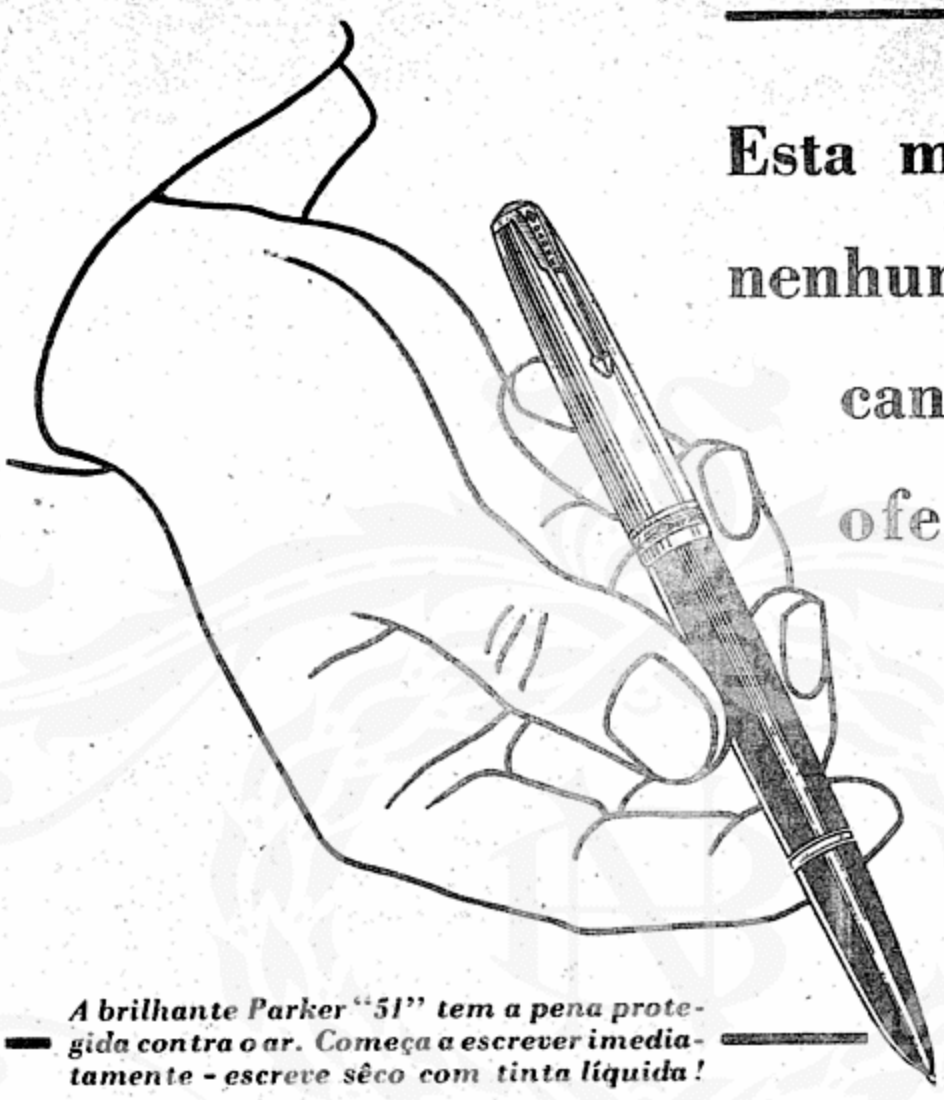
Dois jovens camponeses apaixonaram-se. Eram pobres. Sua única riqueza era o grande amor, que traziam no peito. Casaram-se. Foram morar numa casinha branca, cercada de pinheiros, perfumada de mangerição. Alí, viveram durante dois anos: êle, ela e a felicidade.

Um dia, um garotinho maltrapilho ofereceu ao rapaz um bilhete de loteria. A princípio, não quís comprar. Era, por demais, venturoso no amor, para acreditar na sorte relativa a dinheiro. Além disso, suas economias eram poucas; não queria gastá-las á tôa. No entanto, como o menino insistisse, teve pena e adquiriu, não apenas uma fração, como seria natural, mas o bilhete inteiro. "Desgraça pouca é bobagem" — pensou, filósofo — Depois, ajudo o pequeno. "Afinal, êle é mais pobre que eu".

Foi para casa e não pensou mais naquilo.

Uma semana após, passando, casualmente, por uma casa de loterias, lembrou-se do bilhete, que, ainda, trazia no bolso. Entrou e verificou o resultado. Empalideceu, depois, ficou rubro. Seu bi-

(Continua na pág. 26)



Esta maravilha nenhuma outra caneta pode oferecer...

A brilhante Parker "51" tem a pena protegida contra o ar. Começa a escrever imediatamente - escreve sêco com tinta líquida!

● Todos os que experimentam a nova Parker "51" têm uma agradável surpresa. Esta admirável caneta difere de tôdas as outras que se conhecem.

Sua pena é de modêlo inteiramente novo - completamente encerrada - constantemente úmida, para que comece a escrever imediatamente. No entanto, não mancha os dedos! A ponta de raro osmirídio, é micropolida para deslizar suavemente sôbre o papel.

E no uso — que maravilha! Porque esta caneta — e sómente ela — pode usar a sensacional tinta Parker "51"! Séca à medida que se escreve! Relega ao passado o mataborrão. Mas pode usar qualquer outra tinta!

Experimente a Parker "51" — e desejará possuí-la. Se o seu fornecedor não a tiver agora, deixe o pedido feito.

GARANTIA VITALÍCIA - *O Losango Azul "Parker", estampado no segurador, representa um contrato feito pelos fabricantes com o comprador da caneta, válido por tôda a vida dêste, e que garante o reparo de qualquer desarranjo, não intencional, desde que a caneta seja devolvida completa. Para a embalagem, porte e seguro, cobrar-se-á apenas a importância de Cr$ 10,00*

Escreve sêco

com tinta líquida!

Parker "51"

PREÇOS: Cr$ 375,00 e 450,00 em tôdas as bôas casas do ramo.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.º de Março, 9-1.º - Rio de Janeiro

5801-P

J. W. T.

AR PURO PARA SEUS FILHOS!

A saúde de seus filhos, como a de todos, depende muito da pureza do ar em que respiramos. Purifique o ar em sua casa, e principalmente nos quartos de dormir, com FILTREX que retira grande parte das impurezas da atmosfera promovendo portanto uma melhor oxigenação do sangue.

FILTREX — tipo especial funciona como um pequeno aparelho de ar condicionado, custa apenas Cr$ 45,00 e já é vendido em condições de ser instalado.

FILTREX não esfria o ar; purifica-o, transformando-o em ar puro e saudável.

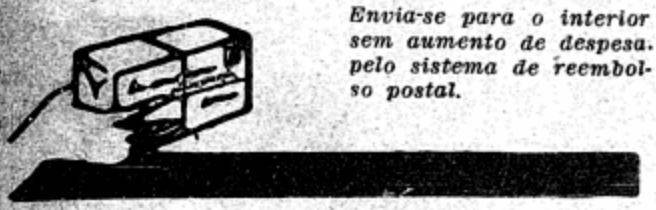
PEÇAM PROSPÉTOS AO DISTRIBUIDOR.

FILTREX

A. BARROSO DE MELLO

Ed. REX. *Rua Alvaro Alvim*, 33-37 s. 719

Caixa Postal, 1765 — Rio de Janeiro



Envia-se para o interior sem aumento de despesa, pelo sistema de reembolso postal.

SERGIO Serzedello Machado, filho do sr. Eurico Serzedello Machado, nosso confrade de imprensa, e que acaba de terminar, com raro brilhantismo, o curso ginasial do Colegio Anglo Americano, onde foi figura destacada em todos os anos, apesar de ser o mais moço da sua turma.

O cálamo selvagem

Era uma vez um cálamo selvagem,
Que morava na casa de um pastor.
Mal o dia surgia, o sonhador
Punha-o ao lábio e saia de viagem.

E era de ver então como á passagem
Dele tudo se enchia de esplendor.
Ficava o rio azul, sorria a flor,
E a música espalhava-se na aragem.

E, assim, pensava o cálamo orgulhoso
Que era êle só o autor daquilo tudo.
Sentia-se feliz e poderoso.

Mas um dia o pastor, enfim, morreu.
E o cálamo selvagem ficou mudo,
E todo o seu encanto se perdeu.

HAMILTON ELIA.

UMA CARÍCIA PERFUMADA!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso, o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos. O pó de arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: branco, rosa, raquel, ocre-claro e ocre-escuro. Pó de arroz Lady — *é o melhor e não é o mais cáro!*

Pó de Arroz

Lady

P. Ferraz

À VENDA EM TODO O BRASIL

Notas de ARTE

PINTURA CANADENSE CONTEMPORANEA. — Embora gentilmente convidado pela Embaixada do Canadá, não nos foi possível assistir á inauguração da Exposição de Pintura Canadense Contemporanea, aberta no Museu Nacional de Belas Artes, de 1º a 15 de dezembro, mas visitámo-la na tarde de 13, e registamos aqui as nossas impressões, impressões — mais uma vez repetimos — de simples cronista e não de crítico no sentido rigoroso que damos a êste termo.

Compunha-se a pinacoteca exposta de 189 quadros originais e de 22 reproduções, sendo que os originais abrangiam 115 oleos, 40 aquarelas, 5 gravuras, 5 aguas-fortes, 4 gravuras em madeira, 19 desenhos, 1 carvão.

Numa visão do conjunto, o espectador subscreve sem hesitar as palavras de A. Y. Jackson, um dos membros do *Grupo dos 7*, citados por Jean Désy no comentário tão breve quanto elegante e instrutivo, que precede o catálogo: "A atmosfera de nossos quadros é límpida e viva; nossas côres são brilhantes — crúas se quizerdes — e, acima de tudo, levamos em consideração as quatro modificações de cenário, desconhecidas na Europa".

Vimos e sentímos tudo isso na maioria, senão na totalidade dos trabalhos expostos. Trata-se realmente de pinturas vivas e essencialmente canadenses, que, apreciadas como produções da escola modernista, a que pertencem quási tôdas, representam espécimens mais ou menos elogiáveis dessa escola, através de artistas do Canadá. Tais, entre outros — *Paysage (Ile d'Orléans)*, de Faucher, *Les boeufs rouges*, de Fortin, *People Waiting*, de Humphrey *Panneaux décoratifs* e *Jeune comédien*. — de Pellan, *Bea*, de Pouliot.

Mas para nós, que entendemos, bem ou mal, ser o *futurismo* e tôdas as suas modalidades — e o *modernismo* é uma delas — um retrocesso e não um progresso na evolução da arte (repelindo o passado próximo, os futuristas repetem o passado remoto; não são passadistas mas ultrapassadistas), os quadros da pinacoteca exposta que merecem mais louvores, são os que constituem verdadeira pintura e não borrões mais ou menos estilizados. São quadros como os de Robert Holmes — *Golden Jewelweed, Cardinal Flower, Purple Loosestrife and Turtlehead*, em que o artista plasmou com sabedoria e beleza três espécimens da flora canadense — *Impatiens pallida natt. Lobelia cardinalis* e *Lyttrum salicaris*, e merecem figurar com os primeiros de tôda a Exposição. Ainda a citar-se distintamente o oleo de Alfsen — *Negress*, figura viva de uma mulher de côr.

Defeito de nossa sensibilidade, que não sabe ver as *maravilhas* do modernismo ou na realidade carencia de perfeição técnica e estética nas produções modernistas, o certo é que não nos sentimos emocionado diante de obras da escola imprópria, errôneamente chamada modernista, como nos emocionamos diante das que pertencem a escola tradicional, a que em pintura recorda a técnica e a estética dos grandes pintores da antiguidade, da idade-média, da renascença e da éra moderna, tôdas aliás mais ou menos maculadas com a intromissão excepcional de pseudo-artistas, a desvirtuarem o sentido normal da evolução.

Como quer que seja, a Exposição de Pintura Canadense Contemporanea é mais um documento em favor da civilização anglo-francesa no continente colombiano, a civilisaçãoção canadense, e mais um motivo dejustos aplausos á influencia intelectual e social no meio brasileiro, especialmente na metrópole do Brasil, do ilustre Embaixador e homem de letras, Jean Désy, a cujosesforços se deve a realização do notável certamem.

Não terminamos sem lembrar que a exposição de Pintura, foi precedida de um mostruário de *arte floclórica*, onde se viram e se admiraram "produtos da pequena indústria de arte da provincia de Quebec", como lhes chama Jean Désy, e são constituidos por tecidos, cortinas, bordados ceramicas, esculturas em madeira e tapetes.

Vimo-los, revimo-los e apreciamos-los bastante. As tapeçarias de choché nos pareceram verdadeiras obras de arte, e não simplesmente indústria artística. Os artistas fizeram das agulhas, pincéis e plasmaram verdadeiros quadros. Nestes encontramos, em alguns pelo menos, mais motivos emocionais do que em várias telas modernistas da pinacoteca... Os artesãos se mostraram então mais artistas do que os artistas...

OSCAR D'ALVA

Fon-Fon AGRADECE E RETRIBUE OS VOTOS DE BOAS-FESTAS E FELIZ ANO NOVO QUE NOS CHEGARAM, EM CARTAS, CARTÕES E TELEGRAMAS, DE TODA PARTE DO BRASIL.

AOS NOSSOS LEITORES E ANUNCIANTES DESTA CAPITAL E DOS ESTADOS DESEJAMOS PROSPERIDADES E VENTURAS DURANTE O ANO DE 1945.

Estômago Sujo

Ás vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esfôrço, até dôres e pêso no estômago, na cabeça e no ventre; emfim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas
e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use Ventre-Livre, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que Ventre-Livre seja largamente usado em tão numerosos e importantes paises.

Use **Ventre-Livre**

Um perfume de mulher

Conto de ALEJANDRO MAGRASSI

NO dia 22 de maio de 1930 suicidou-se, injetando-se uma forte dose de morfna, o empregado ferroviário Ismael Malver.

Nunca se pôde saber a causa que levara êsse homem a eliminar-se voluntariamente, até que, cinco anos depois, um membro de sua família encontrou, em uma gaveta de uma secretária que lhe pertencera, estas anotações:

"Sou bilheteiro da estação de Gaivotas. Meu cubículo é escuro, sujo, estreito. Em minha frente, sôbre o mostrador de madeira, está a série de escaninhos em que se alinham os bilhetes. Alguns dêstes, os que se vendem pouco, já estão amarelecendo, encolhidos, dobrados, como flores murchas.

"Perto de minha cadeira encontra-se a máquina para marcar os bilhetes. Nas minhas costas, o tique-taque do Morse.

"Êste aparêlho me reclama, ás vezes, para atender a algum telegrama aborrecido... Objeto de serviço...

"Até muito tarde da noite tenho que permanecer em meu pôsto. A's vezes adormeço sôbre o balcão Vem então despertar-me uma rude mão, que bate na madeira:

"Vamos... Depressa! Depressa, senão perco o trem...

"22 de março.

"Ví-a hoje pela primeira vez ao pedir-me um bilhete para Varais. Notei que era formosa, que vestia no rigor da moda e sabia escolher o que lhe ficava melhor. Mas o que de seu belo conjunto me chamou mais atenção, foi seu perfume, raro, forte e suave ao mesmo tempo, talvez preparado por ela própria com custosas e finas essências.

"Como senti não ter podido acompanhá-la no trem!

"Como a de Baudelaire, *minha alma flutua sôbre os perfumes...*

"Assim deve ter-se perfumado Salambô quando Matho renunciou por ela á glória da conquista de Cartago. "Êle dilatava o nariz — disse Flaubert — para aspirar o perfume de seu corpo. Era uma emoção indefinível, fresca, e que, no entanto, perturbava como uma estranha fumaça. Sentia o mel, a pimenta, o incênso e mesmo outro sabor."

"Quando a Europa estava agrilhoada de pés e mãos aos preconceitos feudais, não conhecia o encanto dos perfumes. Foram os ex-

pedicionários das cruzadas que lhe trouxeram, com os mantos sutis, as régias armaduras damasquinadas e as negras escravas de alvos dentes, os primeiros perfumes que se usaram: essência de rosa, benjoim, canela e o mais volutuoso de todos: o almíscar.

"Assim deve ter-se perfumado a a Sulamita para que Salomão pudesse dizer dela:"Quem é esta que sobe do deserto, como pequena coluna de fumo, perfumada de mirra e de incênso e de todos os pós aromáticos?"

"Assim deve ter-se perfumado Salomão para que a rosa de Saron pudesse dizer dele: "Meu amado é para mim um punhadinho de mirra que repousa em meu peito".

"24 de março (ás 9 horas).

"Fui até Varais com a louca esperança de encontrá-la na volta de qualquer esquina.

"Voltei triste.

"A's dezesseis horas.

"Irei á farmácia e comprarei um perfume que se pareça com o que ela usa:

"30 de março.

"Trabalho como um sonambulo. Não sei como. Há uma semana apenas provo a comida. Fui a uma farmácia e comprei - tudo o que quís dar-me o boticário.

" — Que espécie de perfume deseja o senhor? — perguntou-me.

"Não soube, em verdade, o que responder-lhe. Depois de refletir longo tempo, só consegui dizer-lhe:

"—Algo raro..., suave..., forte... Jasmin, sandalo, ambar a um tempo. Chipre, violeta, opopônax...

"Êle me olhou com surpreza. Talvez pensasse que eu tinho as faculdades mentais alteradas. Sorriu depois. Foi para o interior da casa comercial, e voltou pouco depois com seis frascos de forma diferente, dizendo-me:

"— Terá que misturar um pouco do conteúdo de cada um para obter o perfume que deseja...

"Tomei os frascos e paguei sem vacilar a elevada soma que êles representavam.

"Penso no que me ocorreu ao aspirar seu perfume.

"Foi como se de repente, ao mergulhar na leitura de um dêsses livros libidinosos que se guardam no "inferno" das bibliotecas, me houvessem revelado todos os mistérios da magia do amor.

"Ela ou nenhuma" — diz meu coração.

"Vêm-me á lembrança as palavras de Marcel Proust: "Quando nada subsiste de um passado longínquo, depois da morte dos seres, depois da destruição das cousas, vós, mais frágeis, porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odôr e o sabôr permanecem ainda longo tempo, como almas, a recordar, a esperar, a aguardar, a sustentar sem fraquejar sôbre sua gota quasi impalpável o edifício imenso da recordação".

"Eu não tenho nem uma gota de perfume que me faça recordar a amada de um minuto, uma vida, de sempre.

"Não sei até onde uma recordação dessa natureza, como a de uma gama, de uma faceta, um matiz, pode perpetuar-se na retina de um homem normal.

"Eu não sou um "homem normal". Ufa! Deus me livre de o ser!

"20 de maio.

"Esta noite tomarei uma nova injeção de morfina. Para esquecer que estou apaixonado por um perfume...

"Aquí, na gaveta, tenho o frasco que comprei ao "vendedor de emoções" com cento e cinquenta cruzeiros que tirei da "caixa" e mais cem que roubei da emprêsa ferroviária nos bilhetes.

"Era meu último recurso e tremo ao pensar no que pode ocorrer se for descoberto meu embuste. Vendí dois bilhetes a um passageiro, dois bilhetes que tirei do escaninho, para ficar com o importe dos mesmos.

"Felizmente, eram dos que se vendem pouco e perdem a côr nos escaninhos: para um lugar a que quási ninguém desta estação e por esta linha se dirige.

"Se chegasse o encarregado do balanço! Nem quero pensar no que então aconteceria!

"Mas se me aparecesse ela... Farejá-la-ia da janelinha como um cão de caça. Embora mal recorde suas feições, seu perfume me faria inconfundível...

"Não se me diga que outra poderia perfumar-se com o mesmo extrato. Algo a faria diferente a meu agudíssimo olfato.

"Se ela chegasse, eu a tomaria pela mão, talvez não a beijasse, mas aspiraria nela seu raro perfume inconfundível...

"21 de maio.

"Como é fácil roubar a emprêsa! Eis como consegui ontem mais quatrocentos cruzeiros: tirei de um escaninho cinco dos bilhetes em branco, e como um passageiro me pedisse quatro e um meio para um lugar dilstante, e cujo importe ascendia a quáse quatrocentos cruzeiros, enchí-os com tinta e os entreguei, guardando o dinheiro e a metade de um.

"Com êsses cruzeiros vou comprar agora, quando sair, vários frascos de perfume para ver se consigo dar a mim próprio a sensação de que é "Ela" que se acha a meu lado...

"Sinto que a razão me foje. A morfina e os perfumes aspirados em grande quantidade vão acabar comigo dentro de pouco tempo.

"Acabam de avisar da estação mais próxima que esta tarde virá o contador dar o balanço na bilheteria...

"A's 16 horas.

"Agora mesmo injetei em mim uma forte dose de morfina.

"Amo um perfume de mulher como outros amam uma figura, uma ilusão...

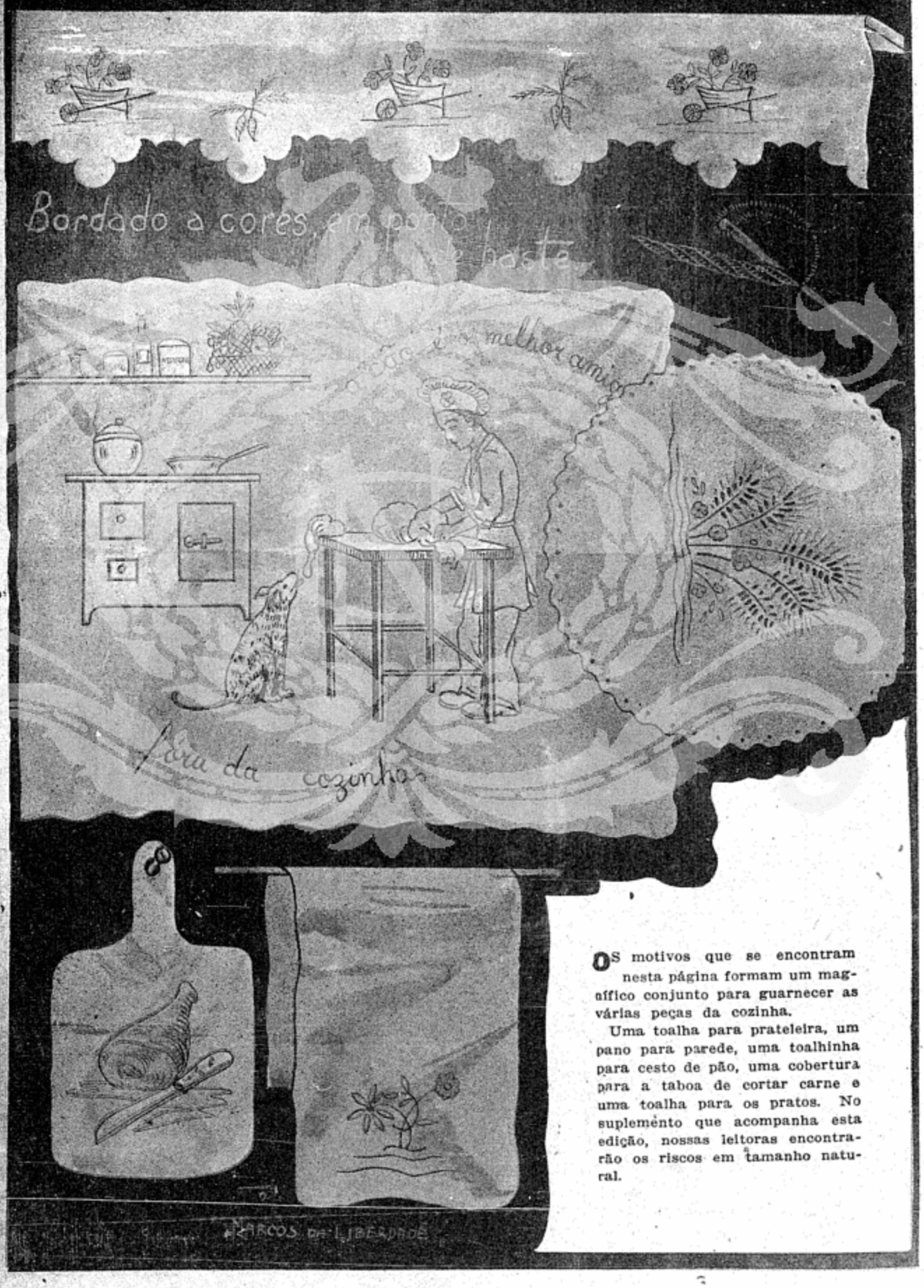
"Estou á beira do sepulcro. Sinto-o. Seu perfume vem a mim em aura odorífera, doce e tranquilo como o de uma flor, violento e rude como o da fumaça de um charuto...

"A's 20 horas.

"Minha mão treme ao escrever estas linhas. Sinto que vou morrer...

"Jasmim, sandalo e ambar ao mesmo tempo... Chipre, violeta, opopônax..."

Jogo para cozinha



OS motivos que se encontram nesta página formam um magnífico conjunto para guarnecer as várias peças da cozinha.

Uma toalha para prateleira, um pano para parede, uma toalhinha para cesto de pão, uma cobertura para a taboa de cortar carne e uma toalha para os pratos. No suplemento que acompanha esta edição, nossas leitoras encontrarão os riscos em tamanho natural.

É tão boa para êle... de tantos modos...

É Realmente uma Primeira Refeição "SUPER"

Há tanto sustento em só um alimento

A Aveia Quaker, a aveia de qualidade, é verdadeiramente o Alimento Maravilhoso da Natureza — rica em elementos vitais e essenciais para energia, crescimento e saúde. As crianças precisam de minerais para ter ossos e dentes fortes, proteínas para tecidos firmes e bons músculos, e carboidratos para energia e resistência. A sábia natureza colocou abundantes quantidades de todos êstes elementos vitais na Aveia Quaker. MAIS uma quantidade extra-abundante de Tiamina (Vitamina B 1). A Tiamina é indispensável às crianças em crescimento porque ajuda a recuperar a energia gasta, sendo a centelha que transforma o alimento em energia corporal.

E o que há de maravilhoso na Aveia Quaker é que lhe fornece todos êstes elementos vitais em seu estado *natural* — não *adicionados* — mas, nela postos pela própria natureza. Ajude seus filhos a ter a alimentação de que precisam para crescer fortes e saudáveis, servindo-lhes um prato da deliciosa Aveia Quaker, na primeira refeição, todos os dias!

EIS PORQUE É CHAMADA O,

"ALIMENTO MARAVILHOSO DA NATUREZA"

UMA PORÇÃO DE AVEIA QUAKER (com 1/2 xícara de leite) LHE DARÁ:

- 3,5 vêzes mais ferro que 115 gramas de bacalhau.
- 9,8 vêzes mais cálcio que uma costeleta de porco.
- 4 vêzes mais vitamina B1 que igual quantidade de farinha de milho.
- 13,75 vêzes mais riboflavina (B2) que igual quantidade de arroz.
- 3 vêzes mais poder alimentício que um ovo.
- 5 vêzes mais proteína que 1 batata de tamanho regular.

Há sòmente uma Aveia Quaker. Procure a figura do Quaker na lata hermèticamente fechada para ter certeza de que é o original e legítima Quaker Oats.

PARA PREPARAR UMA PRIMEIRA REFEIÇÃO DELICIOSA

(DE 4 A 6 PORÇÕES)

2 xícaras de Aveia Quaker, 4 xícaras de água, 1 colherinha de sal • 1 - Mexa devagar a Aveia Quaker na água fervente com sal. - 2 - Cozinhe durante 2.1/2 minutos ou mais, mexendo-a freqüentemente. Maior tempo de cozimento melhora o sabor.

QUAKER OATS

Ouça o interessante programa da Aveia Quaker, às 2as., 4as. e 6as., nas rádios: Mayrink Veiga, do Rio, 1220 quilociclos, às 10,15 da manhã; Panamericana, de São Paulo, 620 quilociclos, às 13,00 e Farroupilha, de P. Alegre, 600 quilociclos, às 16,45.

C4

NOTAS DE ARTE

DIMITRI ISMAILOVITCH E MARIA MARGARIDA. — Nas tardes de 20 e 23 de dezembro, no *hall* do Palace-Hotel, visitámos — a convite dos expositores para assistir-lhe á inauguração — a exposição de pinturas do notavel mestre russo Dimitri Ismailovitch, e da sua notável discípula brasileira, Maria Margarida, composta de 56 quadros,sendo 15 da pintora e 41 do pintor, assim enumerados no respectivo catálogo: de Maria Margarida.—1. *Anunciação*, 2. *Anjinho preto*, 3. *Anjinho branco*, 4. *Três meninas da mesma rua*, 5. *N. S. das bonecas*, 7. *Guerra*, 8. *Paris*, 9. *Promenade*, 10. *Bebé s'endort*, 11. *Sombras da vida*, 12. *Leques*, 13. *Rêve d'Orient*, 14. *Marionnettes turcas*, 15. *Poema*; — de Ismailovitch—16. *Sra. Drault Ernanny*. 17 *Sra. H. Guisard Aguiar*, 18. *Sra. Hugo Napoleão*, 19. *Sra. Jeanne Guisard*, 20. *Sra. Jayme A. da Cara*, 21. *Sra. Levy Gasparian*, 22 *Sra. Lidia Augusta Rezende Silva*, 23. *Sra. Maria Margarida de Lima Soutello*, 24. *Sra. Zilda Gaffrée de Mendonça*, 25. *Quatro gerações*, 26. *Srnha. Alayde de Mello*, 27. *Srnha. Haydée Salazar Pessôa*, 28. *Srnha. Mariam Drault Ernanny*, 29 *Srnha. Yole Salazar Pessôa*, 30. *Embaixador Dr. Chen Chieh*, 31. *Dr. Francisco Chateaubriand*, 32. *Dr. Drault Ernanny*, 33. *Dr. Hortencio Alcantara Filho*, 34. *Dr. Hugo Napoleão*, 35. *Madona hindú (Sra. Edith Campos Salles)*, 36. *Madona de Neve (Sra. M. Henninger)*, 37. *Velha Bá*, 38. *Açúde "General Sampaio"*, 39. *Aspecto do Rio*, 40 a 56 — *Estudos de Stambul*.

A não ser o quadro de Ismailovitch — *Quatro Gerações*, que é desenho, tôda a pinacoteca exposta é constituida de pinturas a óleo, mesmo os *Estudos de Stambul*, que fazem lembrar aquarelas pela relativa transparência das côres: o que provém de haver o pintor empregado na feitura desses quadros não o *óleo comum*, mas o *óleo diluido*, o óleo por assim dizer, *aquarelado*. O que, parece-nos, é um processo novo, um processo original inventado pelo grande artista moscovita.

Mestre e discípula revelam, mais uma vez nesta sua nova exposição, o predicado que acentuadamente os caracterisa: a faculdade de reproduzir com fidelidade, por assim dizer absoluta, a natureza morta e viva sem sacrificar-lhes a idealização estética. São fotografias pela precisão impecável do desenho e do colorido, mas fotografias animadas pelo sentimento artístico dos pintores. Ambos pintam á maneira de Zeuxis e Apeles Quem contempla de perto ou de longe o painel de Ismailovitch — *Açúde "General Sampaio"*, tem a impressão de que o melão, a moringa e a caneca colocados na banqueta idealizada no plano inferior do quadro, estão realmente aí, e se tem vontade de comer a fruta e beber a água da moringa: a ilusão é perfeita. E ao vêr-se, a qualquer distancia, *Leques* de Maria Margarida, os elegantes artefactos da moda feminina parecem destacados da tela, e a gente, sufocada pelo calor, quer apanhá-los e se abanar com eles. E para ver e apreciar tôda a beleza dos quadros dos dous artistas não se precisa de escolher posição; perto ou distante suas telas são sempre pinturas; nunca borrões.

Mas se os dous notáveis poetas do pincel se irmanam pelo predicado comum que assinalámos, distinguem-se quanto ao espírito artístico que os anima.

Ismailovitch pinta somente o que vê; o mundo objetivo mais ou menos idealizado é o campo real da sua atividade artística. Maria Margarida, entregando-se embora ao mesmo genero de atividade estética, vae além: procura realizar o seu mundo interior, criando pinturas simbólicas.

Contemplando os *Retratos* e as *Madonas* de Ismailovitch, o espe-

SUA PROPAGANDA COMERCIAL EM MINAS SÓ SERÁ EFICIENTE E LUCRATIVA SE FOR FEITA EM

"BELO HORIZONTE"

A REVISTA DOS MINEIROS

"BELO HORIZONTE"

E' O MAIS ANTIGO E DIFUNDIDO MAGAZINE QUE SE EDITA NA CAPITAL MONTANHESA

DÔRES NOS PÉS, PERNAS E CALCANHARES?

Pés cansados e doloridos; dôres nos pés e nas pernas, semelhantes a reumatismo; calosidades, ou calcanhares sensíveis — êstes são os sinais de debilidade ou caída dos arcos.

Os Suportes de Arco DR. SCHOLL e exercícios apropriados aliviam as dôres, eliminando sua causa — a distensão dos músculos e nervos — e fazem os arcos caídos retornarem à posição normal. Anatômicamente ajustados nas Lojas Dr. Scholl.

Exames e conselhos grátis sôbre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

IA-S-32

Lojas Dr Scholl

PARA O CONFÔRTO DOS PÉS

SUPORTES DE ARCO
REMÉDIOS
CALÇADOS

RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO • RUA AROUCHE, 71 - S. PAULO

ctador vê deslumbrado uma galeria de perfeições da forma humana idealizada pelo magistral pincel: são homens e mulheres, cavalheiros e senhoras e senhoritas taes quaes são, em toda a sua integridade física e moral — pois sente-se que o pintor plasmando-lhes as fisionomias deixa nelas bem impressa a alma dos retratados: são todos pessoas reaes e não personagens simbolos: as próprias madonas objetivam mais as senhoras que serviram de modelo do que o tipo místico idealizado.

Contemplando os quadros de Maria Margarida, o espectador descobre logo, na maioria deles, a subjetividade da inspiração. Quase tôdas são pinturas simbólicas. Umas o são essencialmente, como *Poema* e *Promenade*, símbolos mais ou menos vagos, obscuros, que escapam muitas vezes a compreensão do espectador (assim, que querem dizer aquela fortaleza, guardada por uma mulher, que se vê em *Poema* e os 3 elefantes, de côres diversas passeando lentamente, vistos em *Promenade?*), e outras accessoriamente, como *Três meninas da mesma rua*, onde, além da reprodução artística de tipos femininos das três raças formadoras da raça brasileira, se percebe o simbolismo da sua identificação, igualando-as como habitantes do mesmo local.

Dos 56 quadros expostos nos impressionaram mais intensamente, além dos já enumerados para nós, obras-primas detôda a dupla exposição: a *Sra. Lídia Augusto Rezende Silva* e *Velha Bá* — de Ismailovitch, e *Bebê s'endort*, de Maria Margarida. São todos reveladores em diversos gráus da grande arte do grande mestre e da sua grande discípula.

OSCAR D'ALVA.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

AUDREY Long, uma das novas estrelinhas" da RKO, tem um dos principais papéis no movimentado e interessante "Tall in the Saddle", um "western" diferente, com os nomes conhecidos de John Wayne e a bizarra Ella Raines... Edwin L. Marin, que ultimamente dirigiu "E o espetáculo continúa", é o diretor, enquanto Robert Follows produziu.

* * *

"FAREWELL, MY LOVELY" tem Dick Powell, Claire Trevor, Anne Shirley e Otto Kruger nos principais papéis. Trata-se de um filme emocionante, adaptado da misteriosa novela policial de Raymond Chandles, que tem na direção o nome respeitado de Edward Dmytryk, o realizador de "Atrás do sol nascente" e "Mulheres de ninguém".

* * *

TOM Conway, o eterno interprete do "Falcão", aparecerá brevemente no seu novo filme da série: "The Falcon in México", arpiante história policial com a exótica Mona Maris no principal papel feminino. A ação do filme passa-se quasi unicamente no Lago Pattzcuro, no México, local muito apropriado para o interessantíssimo enrêdo...

* * *

HEDY Lamarr no RKO! A belíssima "estrêla" tem o principal papel femenino dum drama de grande valor, "Experiment Perilous" (Experiência Perigosa), um espetáculo forte, emocionante, sinistro... A direção foi confiada á um mestre no gênero, o generalíssimo Jacques Tourneur, o cineasta francês realisador de "Sangue de pantéra", "A Morta viva", "O Homem leopardo", etc. "Experiência perigosa" é baseada no esplêndido "thriller" de Margaret Carpenter e tem nos outros papéis, George Brent e Paul Lukas, inegavelmente dois interpretes de escól.

Saibam todos

DIREÇÃO DE BASTOS PORTELA (YVES)

CUBA, como se sabe, é o país dos poetas. E poetas que fazem da sua arte uma espécie de religião, cujos preceitos, para eles, são sagrados.

Parece mesmo que cantam por uma necessidade de sublimação permanente das coisas que os rodeiam e maravilham, naquele clima suave, clima de amor e de sonho, propício á poesia pura e ao culto da beleza.

Por isso, não me surpreendo nunca de receber, de quando em quando, um livro de inspirados poemas, assinados por um poeta cubano.

Agora, por exemplo, são dois os livros que me chegam das Antilhas: "Antologia" e "Impressiones del camino", de Miguel A. Macau.

Mas, quem é Miguel A. Macau?

E' uma personalidade literária, poeta e prosador, cuja projeção, no Brasil, não é de molde a considerar-se notável — unicamente porque ainda não possuimos um intercambio eficiente, fácil e espontaneo, entre os escritores da América Hespanhola e os do nosso país. E o mais lamentável é que, se se processa qualquer movimento oficial, a êsse respeito, fica êle restrito tão somente aos elementos que dêle participam.

Mas Miguel A. Macau é uma figura das letras cubanas que tem o seu prestigio firmado pelo valor de suas obras literárias.

Sôbre êle, Salvador Diaz Mirón escreveu, certa ves: "Sus versos son resplandores de Genio y de Glória". E o grande Santos Chocano disse que suas "obras son de un poeta, asi, sin adjetivos, para que resulte mejor el elogio".

Para definir um poeta, penso que o que ai está é suficiente. Mas, se alguém alegar que ainda não é bastante, citarei as palavras autorizadas de Manuel Núnéz Regueiro, ilustre professor da Universidade del Litoral, da Argentina: "La sencillez, urbanidad, beleza y armonia de sus versos dicen más que muchas fórmulas retóricas escritas a menudo para los que no han nacido poetas, y desean serlo".

Para quebrar a monotonia dêste comentário apressado (oh! que os criticos, os donos da critica indigena, não me trucidem, por favor!) desejo oferecer aos leitores desta página, um poema em seis versos, que mais parece um "hai-kai", ou melhor, uma flor delicada, colhida, ao acaso, por quem passa por um jardim ou um parque aristocrático... ....

BRISAS

"Tu belleza cruzó por mi lado
y ha dejado
un perfume de flor.

Gracias mil por tu ofrenda exquisita
! oh, bendita
primavera de amor!"

BASTOS PORTELA (Yves).

C. de Barros. (S. Paulo). — Meu caro poeta, o seu soneto indica, apenas, que o senhor tem possibilidades que deve aproveitar.

E' certo que êle revela uma certa ausência de auto-crítica. Do contrário teria visto, de antemão, que fez uma verdadeira salada de imagens e metáforas, em tôrno do fantoche que simboliza o mundo, sendo que a tal salada ficou azeda demais...

Aquí está um exemplo, nêste 2º quarteto:

"No delírio das tuas oficinas,
No mesquinho esplendor das tuas rétas
Vejo o deus bestial com que fascinas
Mentes pequenas, vís, obsoletas."

Como se vê, o senhor mistura "delírio de oficinas" (?) com o "esplendor de retas" (!), além de um "deus bestial" (!!!) com que o "fantoche" do mundo fascina mentes pequenas, vís e obsoletas..." e termina com uma trapalhada tão complicada como um montão de "ferro velho"...

Não, poeta, leia os bons poetas, estude mais — e volte.

Henrique (Est. do Rio). — Eis o seu bilhete:

"Ao Ilustre Poeta Sr. Bastos Portella. Para sua apreciação de mestre ao trabalho do novato. Com os cumprimentos e a admiração de..."

O seu soneto confirma o adjetivo com que se qualifica:

"SAIBAM TODOS..."

é a secção informativa dos leitores de Fon-Fon. Ela se propõe a auxiliar os que necessitem de uma informação preciosa. E' um guia do leitor, espécie de "vademecum", destinado a consultas rápidas e úteis.

Endereço — Rua da Assembléia n.º 62 — Caixa Postal 97 — Telefone: 22-4136 Rio. — Toda e qualquer correspondência referente a esta secção deverá ser dirigida a Yves nesta redação, acompanhada do coupon ao lado.

OS MELHORES VERSOS DA SEMANA

APOSTROFANDO

Se a Vida é má e extingue-se depressa,
tal como a nuvem pelo firmamento,
por que, meu Deus, — aquí e alhures — essa
hedionda imperfeição do Sentimento?

Se nada existe que, na terra, impeça
que a Morte exerça o seu poder violento,
por que então, Senhor Deus, a vã promessa
do fraternal e redourado advento?

Se de útil — nós já produzimos pouco,
— por que êsse espírito infecundo e louco,
a dominar a espécie racional?

Por que é que a Humanidade, desvairada,
ainda permite que se alastre o Mal,
se em si a Vida já não vale nada?

A. J. Hermenegildo Filho é jornalista e poeta. Realizou os seus estudos secundários na cidade de Campinas, Estado de S. Paulo. E' um novo que se inicia nas letras, com grandes probabilidades. Muito cêdo, ingressou na vida de imprensa, colaborando no "Diário do Povo", decano dos jornais campineiros, exercendo, mais tarde, o cargo de redator da revista "Palmeiras". Presentemente, colabora no "Correio Popular", daquela cidade. Dentro em breve aparecerá o seu livro de estréia, um poema, como é de prever. De Hermenegildo Filho, oferecemos, hoje, o soneto "Apostrofando", em "Os melhores versos da semana".

OUVINDO O BOLE'RO DE REVE'L

"Bem semelhante em muito á nossa vida
Num carrilhão de sons agoniadamente, —
A harmonia nostálgica e dolente
De uma música sem côr e indefinida.

E' sempre igual, do início da partida
Ao fim que desejámos de repente, —
— A dôr é sempre a mesma dôr latente
Sem saber-se a extensão da alma ferida.

Dos sons que vão e vêm na mutação
Dos instrumentos cançativamente
Vibra, gemente, eterna inquietação:

A esperança fallaz e amortecida
De quem plantou do bem muita semente
Para só vêr dos frutos a nascida..."

Bem se vê que só mesmo um "novato" pode ver as "nascidas" do bem...

E olhe que ainda tem sorte.

Há quem plante o bem a vida inteira e dêle não veja nem as fôlhas sêcas...

Oldian (Capital). — Não se pode negar que a sua narrativa está bem delineada. O senhor, embora possua um estilo pêrro, pouco maleável — o certo é que escreve com desembaraço e clareza.

Mas trabalhos da natureza do seu não têm interêsse para uma revista do feitio de "FON-FON".

Envie-nos colaboração mais adatável ao espírito do nosso "magazine".

COUPON

Nome do consulente .....

.....

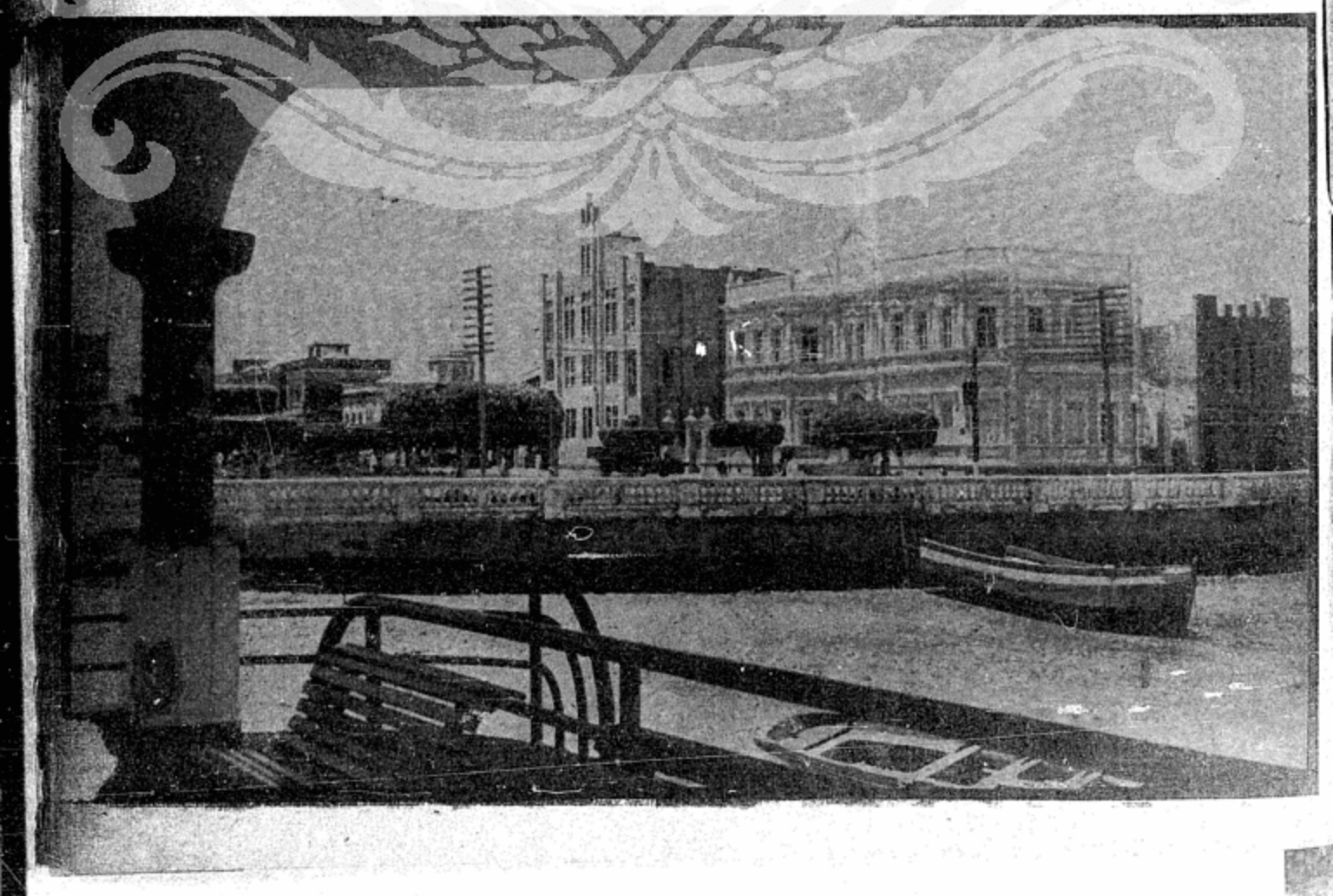
Data da consulta .....

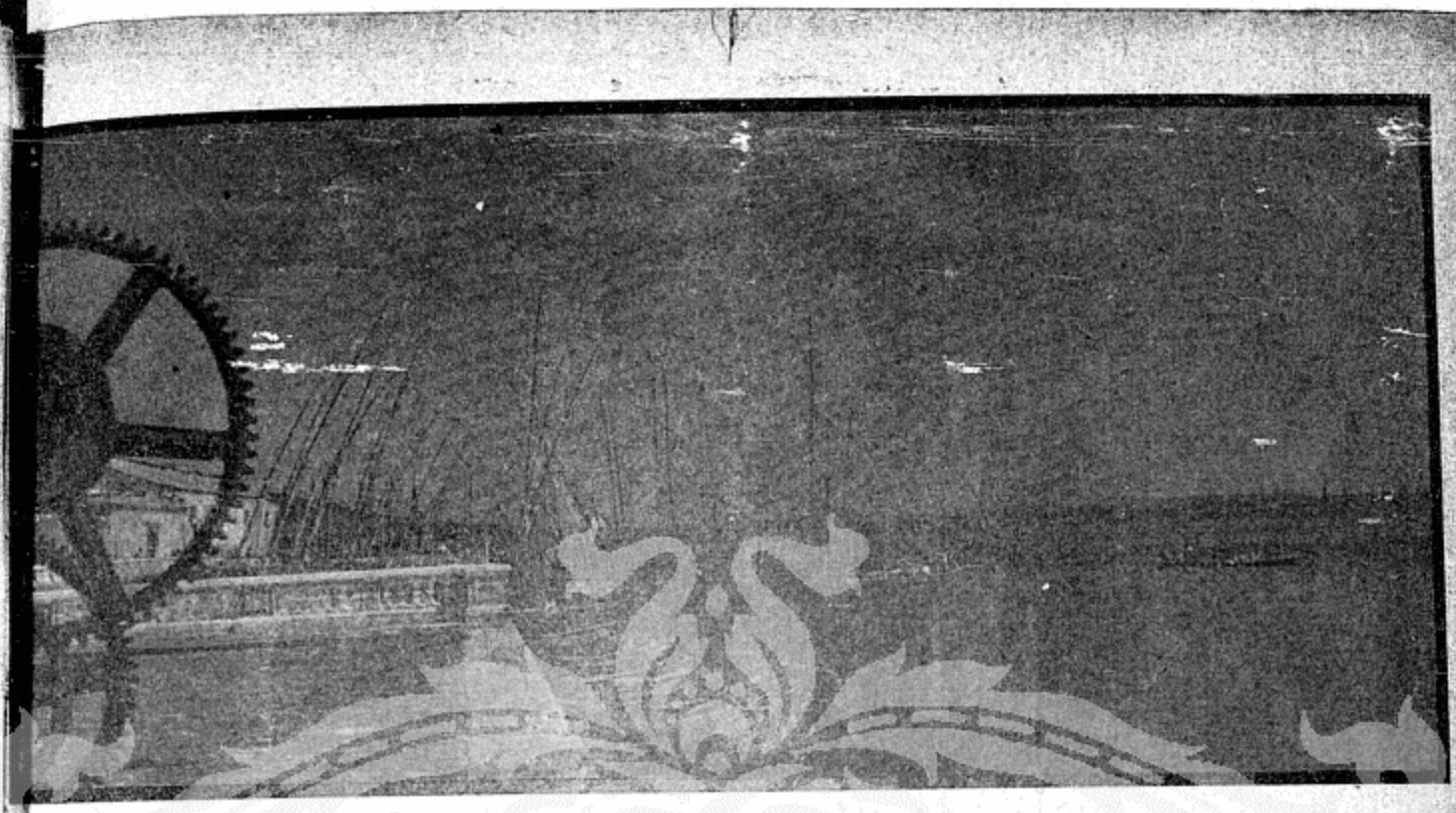
6 - 1 - 945

SERGIPE é a terra pequenina e gloriosa que deu ao Brasil grandes espíritos como Tobias Barreto, o jurista-filósofo; Sílvio Romero, o crítico e ensaista de tantas obras notáveis, e Hermes-Fontes, o extraordinário e harmonioso artista que foi uma das mais altas expressões da poesia brasileira.

Aracajú, capital sergipana, é por isso mesmo, um centro de cultura que eleva o nome de nossa Pátria. Seu mar sempre verde; suas avenidas bem traçadas ;seu porto, onde deslisam, tranquilamente, os saveiros e as barcaças que enfeitam as águas do Atlantico; seus edifícios modernos; sua vida, enfim, de cidade despretensiosa dão a

Capitais brasileiras AIR





ARACAJÚ

Aracajú a nota pitoresca e local de um encanto bem simples e bem brasileiro.

Esta página fixa visões atuais de Aracajú com tôda a beleza que esmalta a pequena metrópole nordestina.

Oração de Natal da Pátria-criança

Do original em prosa *in "Palavra nova dos tempos novos"*

O' Cristo! Que oração nós poderemos, crentes,
Neste inquieto Natal te dirigir, contentes,
De trinta e quatro? Vê: o nosso coração
Está inquieto, inquieta a nossa Pátria, e estão
Assim, porque no mundo estão todos inquietos.
No silencio da noite, assim, cheios de afetos,
Evocamos a luz da tua linda estrêla,
Que, qual lírio do Céu do Oriente albente e bela,
Fizeste desabrochar.
Aquela estrêla tinha o brilho dêsse olhar
Dos olhos das crianças.
O céu da Ásia fitou o mundo que abonanças
Com o olhar da tua estrêla.
Fulgiu a tua estrêla, inda que meiga e bela,
Como a lamina heril de uma espada, porque
De seus raios de luz, aos olhos de quem crê,
De coragem era feita.

*

A coragem, Senhor, da bondade que passa,
Que entra serenamente onde os homens, em massa,
Se trucidam e onde o forte os fracos extermina;
Onde a mentira impera, a calúnia domina,
Onde a injustiça estende a mão á covardia,
E onde o orgulho minaz divide, urdindo, as almas.
Intemerata, a tua estrêla, ás noites calmas,
Baixou ás trevas dos espíritos, sutil,
Como Daniel desceu dos leões ao covil.
A tua loura estrêla era límpida, hostial,
Porque era dos inocentes
A coragem tranquila, o espírito imortal
Das renúncias pungentes.
Dize para onde foi tua estrêla, Senhor!
Do seu roteiro ignoto o segredo nos conta.
Dize a quantos milhões de léguas o fulgor
Do teu astro cintila, aquele que na ponta
Dos dedos repousou dos montes da Judéa,
Tão ásperos e hostis, como o mal que semeia
O coração dos homens.

*

Desce até nós na noite azul do teu Natal
E vê o desamparo em que ficára o mundo!
Entre os homens medrando um mêdo sem igual,
Este não permitiu que fossem bons, segundo
A tua lei, Senhor. Os homens não são máus;
Apenas não se entendem, e, assim, não se entendendo,
Temem-se, e, em se temendo,agitam-se no cáos.
A cenário do mundo é o da luta envolvendo-o;
E, como a luta aguça e incita a crueldade,
Esta se concentrou no egoismo do forte,
Na indisciplina soez dos máus, dos sem piedade,
Na revolta brutal das vítimas da sorte,
Na angústia infinda dos desesperados.
Ninguém acreditou no teu reino divino
Que não é dêste mundo, e, por isso, o destino
Fê-los todos perder o seu reino da terra,
A sua paz de espírito.
Talvez tenham alguns, no que teu reino encerra,
Acreditado; mas êsses logo entenderam
Uma das mãos ao céu, e a outra, á terra desceram.
E' que é feita de terra a carne e nós também
Somos feitos da terra. O' que fôrça que tem
A terra sôbre nós! Ela exige a sua parte
E até que se a devolva e de todo se farte
Com o que nos emprestou, tôda cheia de encantos,
Ouvimos o clamor dos dionisíacos cantos,
As lúbricas canções que atraem nossos sentidos.

*

Ninguém acreditou no Sermão da Montanha,
Quando mandaste que imitassemos os lírios
Dos campos, e do Céu os pássaros empíreos;
E o tilintar da moeda, em vibração tamanha,
Da avareza embalou o falso sonho amarelo.
O' não quizeram crêr, quando, num grande anelo,
Tu disseste que, para atingir á verdade,
Cumpria ter uma alma insonte de criança,
A candura dos que, despidos de vaidade,
A inteligência tinham aberta, na esperança
De uma compreensão de todos os mistérios;
E a ciência dos homens
Tornou-se o orgulho ignaro, estúpido dos homens...
Naceste em mangedoura e fôste um carpinteiro...
E todo dividido está o mundo inteiro
Entre os que natos foram, ou não, na estrebaria,
Entre os que sabem, ou não, o que é carpintaria.
Tudo os homens divide. Êles abandonaram
O teu gládio de luz e, cégos, se entregaram
Ao gládio negro da vingança.
O mundo renegou-te, e, entanto, és a inocência
E a bondade; e essa lei que inda hoje nos domina,
E' aquela que encontraste entre a horda tiberina,
Quando dos legionários
A lança retinia em o átrio do palácio
Do pérfido tetrarca, e a sombra dos sicários
Crescia na parede interna das casernas.
Tu fôste renegado até junto do bêrço
Das criancinhas, porque é de mister no Universo
Que impere a lei injusta até entre os pequeninos.

*

Vê como as mães cristãs trocaram-te, Senhor,
Pelo hediondo Papá-Noel, patriarca-mór
Dos que vendem brinquedo e é patrono frequente
Dos plutocratas vís, lacaio dos felizes,
Juiz que julga com as leis de Satanaz potente
As crianças de todos os países!
Como se póde estar alegre nesta noite
Do teu Natal, se ainda esta tarde as criancinhas
Estendem inutilmente as súplices mãozinhas
Como pequenas condenadas?
Não lhes foram dizer que, só ás bem comportadas
Papá-Noel traria esta noite um brinquedo
Afim de colocar nos sapatos bem cêdo?
Quando o dia raiar, pobrezinhos, dirão:
— "Papá-Noel julgou-me indigno, o santarrão,
Pois que meu sapatinho está todo vasio".
E os meninos do rico, em seu leito macio,
O venal louvarão, o torpe, o miserável.
Êsse velho cruel que anda, sempre implacável,
Afrontando o infeliz, da beira do telhado,
Que nem sequer possúe um sapatinho usado.
Como se pode estar alegre em teu Natal
Se sabemos de tôda uma população
De párias que não têm nesta noite, senão
Uns farrapos com que se cobrir, um moital
Para dormir e o escasso, ou nenhum alimento
De cada dia? Tu disseste que serias
Representado sempre aquí, no mundo odiento,
Pelos que humildes são; mas, sob mil heresias,
Pela segunda vez cravaram-te na cruz
No bairro proletário, angélico Jesus,
Alí crucificando os teus representantes.
Pois não são teus irmãos, talvez dos mais amantes,
Os pobres operários?
Acaso êles não são tua própria pessoa,
Que o poderoso esmaga e o "rubro" amaldiçoa,
Torturada pelo êrro e pelos caudatários
Dos falsos profetas?

*

Onde anda a tua estrêla altívola, Senhor?
Da Ásia, acesa, vem vindo uma estrêla que encerra
Ondas de fogo e sangue e horrífico pavor.

FLAGRANTE do banquete oferecido ao Prof. Arí de Castro, pelos seus colegas e amigos, em regozijo pelo brilhante concurso realizado na Faculdade Nacional de Medicina.

E' sempre da Ásia o céu que a pálpebra descerra
Para o torvo espetáculo do mundo.
Já não são da Judéa os montes escabrosos
Que erguem os dedos de pedra, inhóspitos, rochosos,
Para alcançar o astro da Esperança.
São agora um milhar, ou milhares de braços
De hirtos arranha-céus que, furando os espaços,
Qual prece demoníaca, se estendem
Para o astro colher do desespero.

Caminha lá no céu essa estrêla vermelha.
O que será do mundo, ó Deus, quando a centelha
Dêsse astro vier parar nas grandes Babylônias
Tentaculares?
Porque a vida de hoje é uma noite de insônias,
Por tôda parte se ouve um rumor de batalha
Espargido nos ares.
Uma luta de classe o mundo dividiu
Nêsse duplo hemisfério onde o ódio se espalha...
Do lado do oprimido o ambiente é sombrio,
Do lado do opressor espreitam os "fariseus";
E a linha que os separa é a que repele Deus.
Oprimido e opressor renegam-te, Senhor:
Uns ficaram com o orgulho, a ambição e os prazeres,
Os outros com a revolta, a impiedade e a dor,
Enfim, com seus instintos.
Uns se encharcaram de egoismo
E hoje se refocilam em comodismo.
De um ódio belicoso os outros se embeberam
E nas conspirações envoltos se estorceram.
Enquanto isto, essa estrêla encarnada caminha...

*

O' Cristo! Que oração nós poderemos, crentes,
Neste triste Natal te dirigir, contentes,
Deste ano, que se esvae, de trinta e quatro, quando
As nações do Universo estão tôdas se armando?
A massa sofredora acorre para a luta,
A crise financeira agrava-se e tributa,
Em silêncio a polícia estende os seus tentáculos,
Como a diplomacia urde nos seus cenáculos,
Por todos os quadrantes do planeta.
E tramam-se "complots", o coração se inquieta,
Ninguém sabe do dia de amanhã;
Temem-se os indivíduos mutuamente;
Como os tigres na arena, as classes se entreolham.
A opinião popular os governos "arrolham",
Sentindo o latejar dos seus ábalos sísmicos.
Os partidos se escarnam como hienas;
Resmungam as raças os seus preconceitos;
Os químicos preparam os explosivos
E seus gazes pestíferos, letaes.
Lavram as revoluções e as guerras como
Uma sarna na face do planeta.
E um vermelho clarão emoldura os destinos
Dos povos do Universo.
E, á medida que passam, assim, quais sons de sinos,
Os minutos, buscando as sombras do passado,
Ao minuto que vem, angúrico, assombrado,
Perguntamos: e tá, que desgraças nos trazes?
Resultaram, Senhor, todos ineficázes
Os teus sábios conselhos.
Das máquinas se escutam os ásperos rumores,
O estrondo do estaleiro e o clamor dos motores.
Fabricam-se canhões, torpedos e granadas,
Aeroplanos, fuzis, submarinos, espadas.
Corta o espaço o "piquê" dos aviões guerreiros.
Estão com mêdo e ódio os homens carniceiros.
Os homens não se tentendem, e, pois, vão se matar.
Êles não querem mais, submissos, respeitar
Nenhuma autoridade. Êles são governados
Pelo panico. Seus estadistas raivados
Têm a resonancia dos terrores cósmicos.
Nós estamos voltando á época da caverna.
Salve-se quem puder da confusão hodierna.
A caveira com que Caim matou Abel
Fez uma evolução até á metralhadora.
Os animais de outrora, o mastodonte cruel,
O mamút de aparência horrente, assustadora,
No aço e ferro dos "tanks" hostís reappareceram,
Para a carnificina humana eles volveram.
Na efervecência do ódio estamos dominados
Pelas loucuras primitivas.

*

Nosso Brasil, o teu Brasil em cujo céu
Em estrêlas refletiu-se a aurea imagem do teu
Martírio, é a criança que nasceu ontem e se agita
Numa hora tormentosa, orbívaga e maldita.
Também aquí se sofre e os corações se inquietam.
E' só os olhos fechar e se imagina tudo
Do que o homem é capaz, o que os homens projetam
Por essa imensa carta geográfica.
E, uma vez que hoje é o dia alegre do Natal,
Vamos pensar um pouco em nossas criancinhas,
Que em nossa linda terra, ubérrima, imortal,
Mourejam por aí, raquíticas, mesquinhas.
Como pode a alegria hoje entrar nas malocas
Do pobre seringueiro, em sua lida titanica,
Se o pequeno tapúio, ao som das pororócas,
Tirita de maleita e de miséria organica?
Nas choupanas dos peões, taperas de agregados
Do centro do país, entre cujas panelas
Vasias e o fogão deserto, amargurados,
Os caboclinhos nús, de côres amarelas,
Cheios de opilação, choromingam inchados,
Barrigudos de ascárides?
E nos mocambos junto aos mangues do Nordeste,
Nas senzalas bem junto ás rodas dos engenhos,
Onde o filhinho dos cafusos mal se veste,
E os do cabrocha quedam imotos sôbre os lenhos
— Farrapo sôbre a pele e a pelé sôbre os ossos?

(Conclue na pág. 57)

FON-FON na Sociedade

SOB A GRANDE MARQUISE

FOI-SE o sangrento 1944. Que bons ventos o levem, porque saudades não deixa...

Êle ficará nos anais da vida como o "rideau" que a desgraça desceu sôbre um ato do mais desolador dos dramas representados pela humanidade: oxalá seja o último!... E, como corolário, o dia da confraternização dos povos passou sob o troar dos mais possantes canhões que o homem inventou para destruir-se...

*

A corrida de 24 atraiu muita gente, a-pesar-do mau tempo. Por tôda parte ouviam-se convites para "reveillons" e árvores de natal. Mlle. Margarida (chamamo-la assim por causa das tranças louras) marcava um encontro com o tenente J. R., na casa da família dêle, onde haveria consoada ressuscitando as tradições do bons tempos... Ah se o noivo que está no "front" soubesse...

*

Marita Pinheiro Machado, a "charmeuse", recebia cumprimentos pela brilhante atuação na Rádio Globo, onde disse poesias com o habitual encanto, despertando o entusiasmo de inúmeros "fans" ouvintes.

*

Júlio Moura, diretor da revista "Hamann", passava com um número de dezembro dêsse interessante semanário, trazendo, entre vários artigos que atraem, um, de Moacir Silva, muito interessante.

*

Elza Gomes Moreira — que parece uma porcenana de Saxe — ainda estava sob o encantamento da festa de dois dias antes, quando se casou Leda Gonçalves com o sr. Gaffrée. Leda estava um encanto com aquele vestido longo de laise! Parecia mais uma primeira comungante do que uma noiva; é tão criança!... E nos seus lindos olhos animava-se um sonho e outro quadro surgia em que a noiva era ela ao lado do mineirinho dos contos de fadas...

*

A distribuição de brinquedos, fazendas, etc, aos filhos dos profissionais do Jockey, que a sra. Salgado Filho organizou com a ajuda preciosa do dr. João Borges, sra. João Borges, sras. Alvaro Sodré, Carlos Palhares, Arthur Pires e sta. Grandmasson, repercutiu de modo significativo nos lares daqueles que, sem alarde, concorrem para o brilho do mais distinto dos esportes. Domingo falava-se, com reconhecimento, dêsse ato generoso e também da distribuição de várias importâncias aos cavalariços; e os elogios a tão recomendável gesto filantrópico traduziam o prazer dos pais dos pequeninos que "Papai Noel" favoreceu.

*

Também Ivetta Ribeiro, no seu tradicional Club das Vitórias Régias, distribuiu brindes, gêneros, roupas e doces aos pobres. Foi, depois, em comissão, à Casa dos Artistas aposentados, em Jacarépaguá, levar uma lembrança, e mais do que isso, um pouco de alegria, de arte e de carinho aos que viveram para dar aos outros o bálsamo da distração, antídoto das tristezas que todos nós encontramos em cada encruzilhada da vida.

Abençoados os que repartem com seus semelhantes o bem que lhes está ao alcance da mão!...

MISS "N".

* * *

A FESTA DA ESCOLA TÉCNICA "SANTA CRUZ" NA A.B.I.

A escola é o lar do espírito e a fonte onde a inteligência sacia a sêde de saber. Os mestres, — operários anônimos que forjam a têmpera dos povos — semeiam ensinamentos que ficam em nosso subconciente como a semente que a terra cobre, mas alimenta a árvore que se touca de flores no espaço. No fundo de nossa vida há, sempre, uma figura amiga ao lado dos que nos deram o ser: é o professor, o que alicerçou êsse cabedal precioso que o tempo não desgasta, e, em volta de sua cabeça veneranda, há um halo, misto de saudade e gratidão.

*

Foi uma festa singela e edificante a do encerramento das aulas da Escola Técnica "Santa Cruz", no auditorium da A. B. I.

Paraninfou a turma que se diplomava o professor Martins Capistrano, diretor daquela casa de ensino. Em sua oração, que esteve vibrante e sentimental, o paraninfo exaltou os méritos da mulher e as vantagens de bem aparelhá-la para a vida prática por meio de uma instrução sólida. Uma das moças, a senhorita Maria Pires, oradora da turma, respondeu com entusiasmo e brilho. Depois, as meninas exibiram interessantes números de piano, bailados, canto orfeônico, declamação e uma cena teatral comovente e adequada, de autoria do professor Martins Capistrano: "Aula de Despedida", que as meninas interpretaram bem identificadas com os personagens, porque deixavam, em verdade, a escola e guardavam, ainda, a nostalgia da "última aula".

E' motivo de júbilo para nós constatarmos que em Santa Cruz, tão longe do centro, o progresso marcha acelerado, porque o ensino é o fiel mais seguro do adiantamento de um povo e os atuais dirigentes o compreendem claramente e se esforçam com êxito para aniquilar a ignorância que foi o baluarte principal do nosso atraso, agora quasi subjugado por completo.

O programa primorosamente organizado sob a direção artística da professora Ruth Melo Bitencourt Rios, foi brilhantemente apresentado pelo jornalista Santos Melo.

CONHEÇA A NOVA

SEDUTORA CRIAÇÃO COTY...

Agua de Colonia

EPREUVE

Coty

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÈ AS 7 HORAS DA NOITE

ALFANDEGA, 50

lhete fôra premiado. Primeiro prêmo: dos milhões de cruzeiros.

Saiu, dalí, feito louco. Voou para casa. Estava meio desvairado de alegria. Sonhava transformar a sua vida com aquela inesperada fortuna.

Ao dar a notícia á mulher, ela acrescentou mas projetos aos sonhos do marido. Falaram, riram, gesticularam... Passadas as primeiras explosões de entusiasmo, serenadas as excitações, êle propôs que se mudassem para uma bela residência em Copacabana. Ela concordou, embora um pouco relutante. Resquícios de antecipada saudade da casinha branca puseram um pouco de nostalgia na sua alma afetiva. Alí, havia sido tão feliz! Reagiu, porém, esmagando, no fundo do coração, aquele sentimentalismo, que estava atrapalhando seus projetos e partiram.

Em Copacabana, cercados de um luxo exagerado, bem típico dos que enriqueceram depressa, começaram a levar vida diversa da que haviam conhecido até então. Acordaram em dar completa liberdade de ação, um ao outro. Saíam sozinhos, cada qual para o seu lado, procurando realizar os mais disparatados programas diários. As vezes, não se avistavam durante o dia inteiro, e á noite, apenas trocavam um gélido "boa noite", recolhendo-se, exaustos, aos seus respectivos dormitórios. Dormiam, agora, em quartos separados, para não incomodar-se, quando um deles chegasse mais tarde, ou despertasse mais cedo.

Êle começou a beber e a andar, ás voltas, com mulheres; ela se enfeitiçou pelo jôgo e, cativa dos elogios tecidos á sua beleza, não trepidou em manter certos "flirts" comprometedores com galãs sem

PAISAGEM

(Continuação)

escrúpulos. Enfim, a vida dos dois semelhava uma bola em ladeira: descia, sempre, em carreira vertiginosa, sem encontrar nenhum obstáculo providencial, capaz de interceptar-lhe o rolar contínuo, eternamente para baixo.

Foi ela quem se cansou primeiro. Não tinha a compleição forte do marido, e, graças áquela existência desregrada, em breve, seu organismo se ressentiu. Certa manhã, acordou sentindo-se mal. Chamou o médico e êle não achou bom o estado de seu fígado. Recomendou-lhe bastante cuidado, tratamento convenente, ares melhores; do contrário, seria imprescindível uma intervenção cirúrgica.

O instinto de conservação incitou-a a lutar; e ela lutou, desesperadamente, para conservar a vida. Tratou-se, ficou quasi boa, fisicamente, mas o lado moral, peorou. Seu dinheiro comprava os cuidados mercenários dos médicos e dos criados; entretanto, não conseguia, com êle, a amizade de ninguém. Sentia a falta de um carinho... O marido continuava afastado. Não se interessava, sequer, pelo seu estado. Maldisse, então, aquele ouro sinistro, que lhe roubara a felicidade.

Um dia, esperou a sua vôlta e, abraçando-o, carinhosamente, como, havia muito, não fazia, pediu:

— Querido, vamos voltar para a nossa casinha? Tenho saudades dos seus pinheiros, dos mangericões, da tranquilidade, que a cercava, enfim...

E a voz lhe saiu trêmula, baixinha, hesitante:

—...da nossa felicidade perdida.

Êle concordou, triste:

— Dizes bem. Nossa felicidade perdida! Nunca mais a conseguiremos achar. Quando ela parte, não volta. Ouve, minha amiga, não devemos tentar reavê-la. Seria mais uma decepção a juntar-se ás muitas, que já tivemos. Dizes ter saudades. Creio, pois, também, as sinto. Enretanto, acreditas que tornaríamos a encontrar o mesmo encanto na nossa casinha? Crês que, agora, nos bastaria, como único espetáculo, a longa fila de pilheiros, o mar, lá em baixo, batido pelo esplendor prateado da lua, os pássaros, que voavam baixinho, os milhares de pés de mangericão, de onde se desprendia, eternamente, o perfume mais suave da terra? Não! Isso tudo já não nos encantaria. Acostumámo-nos, demais, com os prazeres comprados, para que os espetáculos tranquilos da natureza possam atrair-nos. O que ontem, nos bastava, era considerado adorável; hoje, nos pareceria monótono, insuportável. Escravizámo-nos ao dinheiro. Por êle, nos despersonificamos, deixámos de nos querer. E o mais triste é que não podemos recomeçar. Consulta o teu coração e vê. Nêle há, somente, ruinas, não é certo? No meu, também. Já não cremos em cousa alguma. Perdemos nossos sentimentos bons. Somos criaturas vulgares, cansadas, sem ilusões, inconstantes... Não podem erguer-se as muralhas fortes do amor sôbre as nossas frágeis e pobres almas, areias movediças em que a vida as transformou. Portanto, não procuremos mais desenganos. Bastam os que já tivemos. Se precisas de outros ares, iremos para

(Conclue na página 64)

PERFEITO!

BUSTO Hormo Vivos

Produto científico para embelezar os seios
O Hormo Vivos n.º 1 é aconselhado para os seios pequenos ou flácidos e o Hormo Vivos nº. 2 para os seios grandes, volumosos.
Inofensivo á saude. Absoluta confiança

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
Á VENDA EM TODA A PARTE

PR-1

DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR

O voto de Alziro Zarur, de «Fon-Fon»

FON-FON encerra, hoje, com a publicação do voto de Alziro Zarur, a série de votos abertos dos críticos radiofônicos da cidade. Agradecemos, sinceramente, a todos os distintos confrades que nos enviaram os seus votos, como também aos que, por motivos que compreendemos e respeitamos, não o puderam fazer. E aqui estão as respostas do diretor da nossa PR-1:

1) Qual a melhor estação?
— PRE-8, Rádio Nacional.

2) Melhor autor de rádio-teatro?
— Pedro Bloch.

3) Melhor escritor de programas?
— Almirante.

4) Melhor elenco rádio-teatral?
— O de Vitor Costa.

5) Melhor rádio-ator?
— Rodolfo Mayer.

6) Melhor rádio-ator policial?
— Saint-Clair Lopes.

7) Melhor rádio-atriz?
— Ismênia dos Santos.

8) Melhor locutor?
— Cesar Ladeira.

9) Melhor locutora?
— Lúcia Helena.

10) Melhor locutor-esportivo?
— Oduvaldo Cozzi.

11) Melhor compositor?
— Ary Barroso.

12) Melhor parceria de compositores?
— Alberto Ribeiro-João de Barro.

13) Melhor cantor?
— Francisco Alves.

14) Melhor cantora?
— Sônia Barreto.

15) Melhor conjunto vocal?
— Anjos do Inferno.

16) Melhor trio?
— Trio de Ouro.

17) Melhor dupla?
— Joel e Gaúcho.

18) Melhor músico?
— Radamés Gnattali.

19) Melhor conjunto regional?
— O de Pixinguinha.

20) Melhor orquestra?
— Orquestra Brasileira de Radamés.

21) Melhor cômico?
— Barbosa Junior.

22) Melhor dupla cômica?
— Jararáca e Ratinho.

23) Melhor programa literário?
— "Biblioteca do Ar", de Genolino Amado.

24) Programa de educação musical?
— "Artistas Novos do Brasil", de Magdala da Gama Oliveira.

Alziro Zarur

25) Programa instrutivo?
— "Palestras Culturais", de Eugênio Figueiredo.

26) Programa patriótico?
— "Legião Brasileira de Assistência", da Nacional.

27) Programa de educação moral?
— "O mundo não vale o seu lar", de Sagramor de Scuvéro.

28) Programa de educação física?
— "Hora da Ginástica", de Osvaldo Diniz Magalhães.

29) Programa rádio-jornalístico?
— "Comentários da Rádio Mayrink Veiga", escritos por Gilson Amado.

30) Programa musical?
— "Um milhão de melodias", de José Mauro.

31) Programa de músicas brasileiras?
— "Serestas de Sílvio Caldas", de Paulo Roberto.

32) Programa de variedades?
— "Programa Luís Vassalo", da PRE-8.

33) Programa de gravações?
— "Ondas Musicais", com Celso Guimarães.

34) Programa de calouros?
— "Campeonato Brasileiro de Calouros", de Almirante.

35) Programa de esportes?
— "Esportes pela sua PRA-9", de Oduvaldo Cozzi.

36) Programa de teatro?
— "Jornal dos Teatros", de Olavo de Barros e Anselmo Domingos.

37) Programa de cinema?
— "Cine-Rádio Jornal", de Celestino Silveira.

38) Programa feminino?
— "A Voz da Beleza", de Léia Silva, com Diva Paulo.

39) Programa juvenil?
— "Tesouro da Juventude", de Carlos Pallut.

40) Programa infantil?
— "Tapete Mágico da Tia Lúcia", de Ilka Labarthe.

41) Programa humorístico?
— "Barbosadas", de Barbosa Junior.

42) Programa de peças completas?
— "Teatro pelos Ares", de Plácido Ferreira.

43) Programa de novelas seriadas?
— O da Rádio Nacional.

44) Programa de notícias da guerra?
— "Boletim da Guerra", com Carlos Frias.

45) Melhor patrocinador?
— Eucaliol.

GRANDE CONCURSO

OS OUVINTES CONSAGRAM
Os Melhores do Rádio
E SÃO ESTES OS MELHORES
DOS "MELHORES DE 45"

1
QUAL A MELHOR ESTAÇÃO ?
PRE-8, Rádio Nacional

2
MELHOR AUTOR DE RÁDIO-TEATRO?
Amaral Gurgel

3
MELHOR ESCRITOR DE PROGRAMAS ?
Almirante

4
MELHOR ELENCO RÁDIO-TEATRAL ?
O de Vitor Costa

5
MELHOR ATOR ?
Paulo Gracindo

6
MELHOR POLICIAL ?
Alziro Zarur

7
MELHOR ATRIZ ?
Ismênia dos Santos

8
MELHOR LOCUTOR ?
Celso Guimarães

9
MELHOR LOCUTORA?
Lúcia Helena

10
MELHOR LOCUTOR-ESPORTIVO ?
Arí Barroso

11
MELHOR COMPOSITOR ?
Arí Barroso

12
MELHOR PARCERIA DE COMPOSITORES ?
Alberto Ribeiro-João de Barro

13
MELHOR CANTOR ?
Francisco Alves

14
MELHOR CANTORA ?
Linda Batista

15
MELHOR CONJUNTO VOCAL ?
Anjos do Inferno

16
MELHOR TRIO ?
Trio de Ouro

17
MELHOR DUPLA ?
Joel e Gaúcho

18
MELHOR MÚSICO ?
Radamés Gnattali

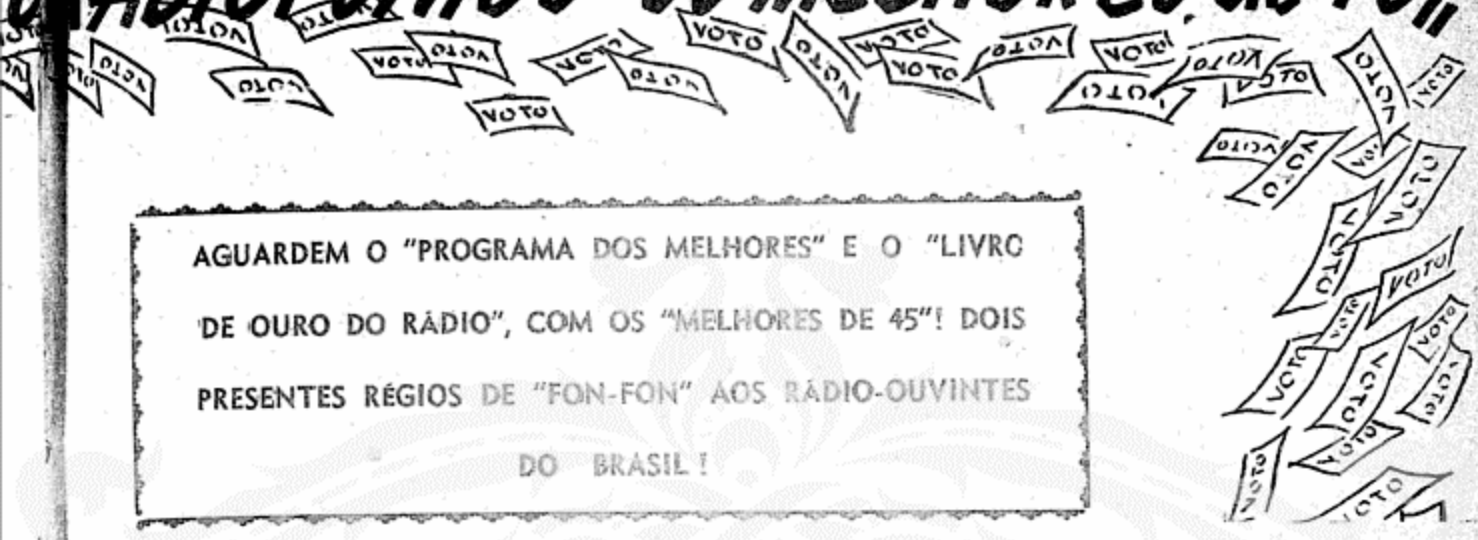
19
MELHOR CONJUNTO REGIONAL ?
O de Benedito Lacerda

20
MELHOR ORQUESTRA ?
Sinfônica Brasileira, de Szenkar

21
MELHOR CÔMICO ?
Barbosa Junior

22
MELHOR DUPLA CÔMICA ?
Jararaca e Ratinho

RADIOFONICO "OS MELHORES de 45"



AGUARDEM O "PROGRAMA DOS MELHORES" E O "LIVRO DE OURO DO RÁDIO", COM OS "MELHORES DE 45"! DOIS PRESENTES RÉGIOS DE "FON-FON" AOS RÁDIO-OUVINTES DO BRASIL!

23
MELHOR PROGRAMA LITERÁRIO ?
"Biblioteca do Ar"

24
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MUSICAL ?
"Artistas Novos do Brasil"

25
PROGRAMA INSTRUTIVO ?
"Universidade do Ar"

26
PROGRAMA PATRIÓTICO ?
"O Pensamento do Presidente Vargas"

27
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL ?
"O Mundo Não Vale O Seu Lar"

28
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO FISICA ?
"Hora da Ginástica"

29
PROGRAMA RÁDIO-JORNALISTICO ?
"Comentários"

30
PROGRAMA MUSICAL ?
"Um Milhão de Melodias"

31
PROGRAMA DE MÚSICAS BRASILEIRAS ?
"Serestas de Sílvio Caldas"

32
PROGRAMA DE VARIEDADES ?
"Programa Luís Vassalo"

33
PROGRAMA DE GRAVAÇÕES ?
"Ondas Musicais"

34
PROGRAMA DE CALOUROS ?
"Campeonato Brasileiro de Calouros"

35
PROGRAMA DE ESPORTES ?
"Esportes pela sua PRA-9"

36
PROGRAMA DE TEATRO ?
"Jornal dos Teatros"

37
PROGRAMA DE CINEMA ?
"Cine-Rádio Jornal"

38
PROGRAMA FEMININO ?
"A Voz da Beleza"

39
PROGRAMA JUVENIL ?
"Tesouro da Juventude"

40
PROGRAMA INFANTIL ?
"Tapete Mágico da Tia Lúcia"

41
PROGRAMA HUMORISTICO ?
"Barbosadas"

42
PROGRAMA DE PEÇAS COMPLETAS ?
"Teatro pelos Ares"

43
PROGRAMA DE NOVELAS SERIADAS ?
O da Rádio Nacional

44
PROGRAMA DE NOTICIAS DA GUERRA ?
"Boletim da Guerra"

45
MELHOR PATROCINADOR ?
Eucalol

"Melhor

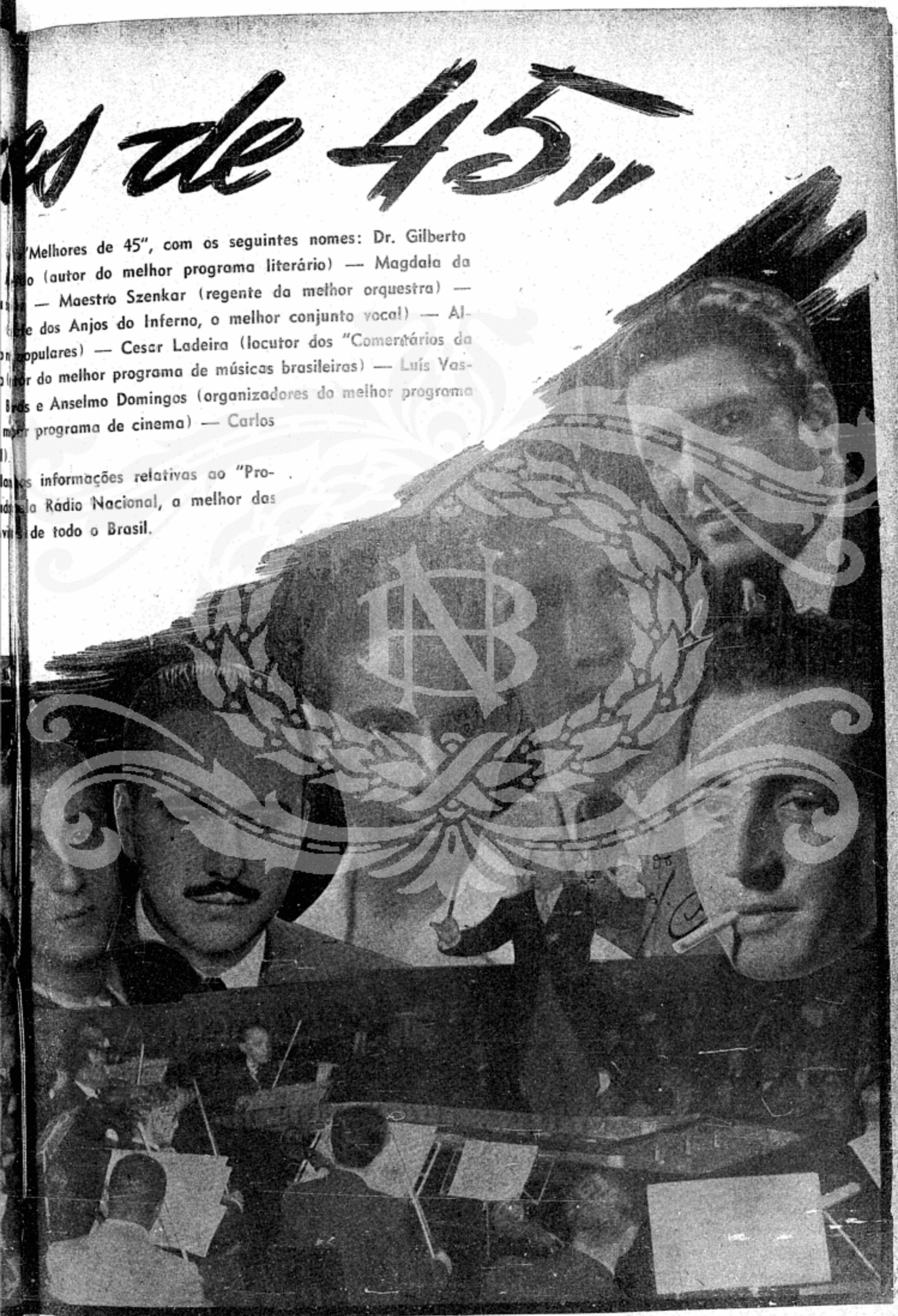
FON-FON apresenta, hoje, a terceira e última foto-montagem (...) de Andrade (representando a melhor emissora) — Genolino (...) Gama Oliveira (diretora do melhor programa de educação mu(...) Benedito Lacerda (diretor do melhor regional) — Léo Vilar (...) berto Ribeiro e João de Barro (a melhor parceria de compositor(...) PRA-9", o melhor programa rádio-jornalístico) — Paulo Roberto (...) salo (diretor do melhor programa de variedades) — Olavo de Bras(...) de teatro) — Celestino Silveira (autor do m(...) Pallut (autor do melhor programa juvenil).

No próximo número de FON-FON, da(...) grama dos Melhores", que será apresentad(...) melhores emissoras, no julgamento dos ouv(...)

...s de 45"

...Melhores de 45", com os seguintes nomes: Dr. Gilberto ...o (autor do melhor programa literário) — Magdala da ... — Maestro Szenkar (regente da melhor orquestra) — ...e dos Anjos do Inferno, o melhor conjunto vocal) — Al... populares) — Cesar Ladeira (locutor dos "Comentários da ...or do melhor programa de músicas brasileiras) — Luís Vas... Brás e Anselmo Domingos (organizadores do melhor programa ... programa de cinema) — Carlos ...

...s informações relativas ao "Pro- ... da Rádio Nacional, a melhor das ... de todo o Brasil.



FON-FON Feminino

Direção de Hélène — Desenhos de **ENAYDE**

nas Férias

Vestido de seda branca, á guiza de "deux-piéces", com o corpo contornado por estreito babado "godet" e abotoado na saia.

Modêlo para confecção em crepon de algodão vermelho, enfeitado com estreito viez de fustão branco e ligeiro bordado.

Chá das 5

"Deux-piéces" de seda azul-marinho ou preta. Saia enviezada. Jaqueta com a pala toda trabalhada em finas preguinhas. Gola de fustão branco.

Original modêlo de seda vermelho-cereja com franja feita de "rouloutés" da mesma fazenda.

Modêlo para ser feito em seda rosa-seco. Frente com recortes que prendem franzidos no corpo e saia.

Vestido de seda leve, negra. Frente do corpo todo em pregas presas por estreitos viezes amarrados e soltas na saia. Interessante decote.

Modêlo muito simples, de mangas japonesas, executado em seda negra e tendo como unico enfeite um grande laço de veludo de côr clara, combinando com a bolsa e as luvas.

3 modelos modernos

Vestido de crepon estampado, de mangas japonesas. Viezes prendem franzidos na pala, guarnecem o decote e a saia.

Modêlo de seda azul-marinho de "pois" brancos", ornado com bordado inglês e fita de veludo vermelho.

Vestido de organdí estampado guarnecido com babadinho de organdí liso. Saia franzida na frente.

Para a hora do chá

BOLACHINHAS DE AVEIA. — Peneire 2 chícadas de aveia com 1 chícada de farinha de trigo e 2 colheres (das de sopa) de fermento em pó. Bata 3 colheres de gordura, até que fique cremósa. Adicione uma chícara e meia de açúcar, 2 ovos batidos, duas a tres colheres de leite e por fim, a farinha de trigo e aveia. Misture muito bem. Junte também si quiser, 2 colheres de casca de laranja ralada. Unte levemente um granda taboleiro e deite a massa, ás colheradas, tendo o cuidado de fazer as bolachinhas tôdas do mesmo tamanho. Essa bolachinha também poderá ser feita despejando-se toda a massa por igual, e, depois de assada a massa, cortando-a em quadrados de 5 centímetros. Depois de te-la colocado no fôrno, não o abra antes de decorridos 20 minutos, para que fiquem bem fôfos. As bolachinhas de avêia, servidas com uma geléia qualquer, consistirão tanto uma ótima sobremesa como admirável complemento ao chá.

KUCHEN DE FRUTAS. — Peze 250 grs. de açúcar. No outro prato da balança coloque manteiga até equilibrar. Bata a manteiga com o açúcar durante meia hora. Peze 500 grs. de farinha de trigo e vá adicionando aos poucos. Misture meia colher de vanilina a 1 copo de leite e 4 gemas. Junte todos os ingridientes e 1 colher de fermento em pó, batendo bem. Pique em pedacinhos algumas frutas cristalizadas, amendoas, passas e ameixas. Adicione tudo á massa. Deite em uma fôrma retangular, bem untada. Coloque em fôrno bem quente, até dourar a superfície.

BALA VIDRADA, DE OVO. — Separe 4 gemas crúas. Bata 2 claras até ficarem em neve. Misture-as, e junte-lhes 150 grs. de açúcar e 100 grs. de amendoas moidas. Leve ao fogo brando, mexendo sem cessar até que apareça o fundo da panela. Espalhe sôbre um prato, conservando assim até o dia seguinte. Ficará, deste modo, mais fácil para ser enrolada. Faça bolinhas com as mãos e arrume-as sôbre táboa ligeiramente enfarinhada, para que não se prendam.

Enquanto estivér enrolando as balas, ponha ao fogo meio quilo de açúcar cristalizado com pouca água, até que dê o ponto de bala vidrada, isto é, quando endureça logo que se deite um bala em pires com água fria.

Retire a calda do fogo. Espete cada bolinha com um palito e vá mergulhando-as.

Ao retirá-das, deposite em uma grande travessa untada de manteiga.

Si preferir, mergulhe-as de 3 em 3, e retire-as com 2 garfos.

Embrulhe-as em papél impermeável.

BISCOITINHOS MODERNOS. — Amasse juntamente: 150 grs. de farinha de trigo, 150 grs. de manteiga e 150 grs. de queijo prata. Estenda sôbre o marmore e corte com um calice, em rodelinhas.

Leve ao fôrno quente, em um taboleiro de assar. Desmanche um pouco de goiabada ao fogo, com meia chícara de água. Abra os biscoitinhos ao meio e rechele-os com uma camada de goiabada. Passe-os em seguida por açúcar comum.

PUDIM DE LARANJA. — Esprema o caldo de 2 laranjas de tamanho regular, bem doces. Misture com 6 ovos inteiros, 6 colheres de açúcar e 1 copo de leite. Passe na peneira umas 4 vezes afim de ligar bem por igual. Forre uma fôrma com açúcar queimado (bala vidrada). Depeje o pudim e léve ao forno com a temperatura regular, em banho-maria. A água do banho-maria deverá estar fervendo ao se colocar a fôrma do pudim. Deixe por uns 35 a 40 minutos. Depois de frio vire sôbre um prato de cristal.

AGUA DE TOILETTE

RAINHA DA HUNGRIA

Á VENDA EM TODA A PARTE

LIMPA E FECHA OS PÓROS

De Mme. Campos

BELEZA PARA SEUS LÁBIOS!

Torne sua beleza ainda mais atraente, com Baton *Zande*. Escolha um dos delicados matizes de *Zande* e experimente-o hoje mesmo. Não poderá encontrar nada melhor para realçar os seus encantos naturais.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente em seu lindo e transparente envólucro, adaptando-o ao mesmo tubo.

Zande

MARCA REGISTRADA

BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

A Convenção da Universal

A fotografia ao lado foi tirada por ocasião da recente Convenção da Universal de 1945, realizada nesta capital, no dia 15 de dezembro p. p. Estiveram presentes todos os gerentes das filiais da Universal Filmes, S. A. no Brasil, chefes de vendas, e outras pessoas gradas da matriz no Rio. A reunião, desta vez, foi presidida por Mr. Al Szekles, diretor-gerente da Universal no Brasil, em virtude de não ter sido possível a nenhum dos diretores de Nova-York estar presente, como nos anos anteriores.

Durante a Convenção, que transcorreu com enorme entusiasmo, foi apresentado o programa da Universal para o ano próximo, programa êste que superará tudo o que jamais foi apresentado e realizado no cinema. A Universal apresentará 6 filmes em tecnicolor. Veremos Deanna Durbin pela primeira vez num filme colorido e podemos, desde já, afirmar que ela está linda: "Vivo para cantar" (Can't help singging) com Robert Paige e Akim Tamiroff, David Bruce e outros. Maria Montez, a rainha do tecnicolor, se apresentará em duas maravilhosas produções coloridas: "Alma Cigana" com Jon Hall e Peter Coe, exímio violonista cigano, e "Rainha do Nilo", com Jon Hall e Turhan Bey. Teremos "Salomé", maravilhosa produção, em que aparecerá uma artista de beleza estonteante; basta lembrar que o produtor do filme é Walter Wanger, o mesmo que descobriu Heddy Lamarr e Maria Montez. Ainda "Climax", com Suzana Foster, Boris Karloff e Turhan Bey; trata-se de uma produção espetacular, enrêdo mais forte do que o de "O Fantasma da Ópera" e onde Susanna Foster terá oportunidade de cantar lindos trechos das mais famosas óperas. "Uma noite do Paraiso" vivem Louise Allbritton e Turhan Bey num verdadeiro paraiso de côres.

Entre as demais grandes produções destacam-se "Bowery to Broadway" (*Saudades do Passado*), com um formidável elenco de astros e estrêlas; Maria Montez, Susanna Foster, Turhan Bey, Louise Allbritton, Donald O'Cannor, Peggy Ryan, Ann Blyth, Jack Oakie e muitos outros. E' uma evocação épica vivida por um cast brilhante. "Querido Titio" é uma produção de Charles K. Feldman, baseada na peça do mesmo nome que permaneceu em cartaz durante um ano na Broadway. Abbott e Costello, os reis dos comediantes, apresentam 3 formidáveis produções "Vovôs Malandros", "2 e 2 são 5", e "Piscando o Ôlho". Olsen e Johnson, com Grace MacDonald, Alan Curtis e outros, apresentam a engraçadíssima comédia "Processando Doidos", uma comédia maluca para espantar tristezas... Louise Allbritton e Jon Hall vivem momentos de grande romance em "De todo o Coração" (*San Diego, I Love You*). A "Rainha da Canção", com Sousanna Foster, Robert Paige, Louise Allbritton, Ella Raines, Geórge Korvin e outros. "Idolo da Ribalta", com Donald O'Connor e Peggy Ryan, que também aparecem com Ana Blyth e Jack Oakie, sempre alegre e bonachão, em "Tradição Artística" (*The Merry Monahans*), uma verdadeira jóia de comicidade, música alegre e um grupo de bailarinos, mais de cem figuras. Glória Jean vive momentos de grande emoção em "O Milagre da Fé," com Alan Curtis fazendo o papel do vilão. Trata-se de um filme que comove e fala á sensibilidade da alma.

Charles Laughton e Ella Raines em "Dúvida" (*Suspect*), direção de Robert Siodmak, o mesmo diretor de "A Dama Fantasma" e "Férias de Natal". Deanna Durbin e Charles Boyer num drama intenso e forte: "A Dama Desconhecida" (*Strangers*).

Como sempre acontece, cabe novamente á Universal apresentar, também em 1945, alguns filmes de arrepiar cabelos. Veremos Boris Karloff e Lon Chaney em "A Mansão de Frankenstein". Basta o nome de Karloff e Frankenstein para termos uma idéia do que nos aguarda. "Dracula Versus Lobishomem", "Aparição Sinistra", "Olhos Vidrados", "A Praga da Múmia" serão vividos por Lon Chaney! "Arsene Lupin", com George Korvin, a dupla Basil Rathbone e Nigel Bruce aparecem em três sensacionais filmes de mistérios: "A Garra Escarlate", "A Peróla Negra" e "Casa do Mêdo". Teremos alguns filmes com Glória Jean no papel principal, secundada sempre por um elenco escolhido. Joan Davis, a impagável comediante que se preza de ser a maior beldade feia, aparecerá em vários filmes da Universal no decorrer de 1945. Jack Oakie, além de "Tradição Artística", fará um outro filme com Peggi Ryan; esta, por sua vez, aparecerá ao lado de Ann Blyth, num filme musical, cujo título ainda não foi escolhido. As Irmãs Andrewes, que têm um grande público aquí no Brasil, também se apresentarão em duas produções notáveis. Não resta a menor dúvida que a Universal viverá, em 1945, o seu ano de glória e sucesso, pois promete um programa excepcional.

Para que os leitores possam ter uma idéia do que será o filme em tecnicolor de Deanna Durbin, basta dizer que o seu custo está orçado em, aproximadamente, 3 milhões de dolares; uma soma fabulosa para um só filme, porém, queremos crer que é dinheiro bem gasto, porque o mundo irá ver um dos filmes mais espetaculares de todos os tempos, lindos cenários, um colorido maravilhoso e não só a figura querida de Deanna, mas ouvirá também, sua maviosa voz através de inúmeras canções para confirmar o título "Vive cara cantar".

Quando a cabeça pesa...

FONTOL

O 1º a ser lembrado - Contra Dôr ou Resfriado!

É MELHOR E
É NACIONAL

Quando sentir dôr de cabeça, dôr no corpo, dôr de dente, defluxo, gripe ou resfriado —lembre-se em primeiro lugar de FONTOL. Não ataca o coração.

Um Produto do INSTITUTO MEDICAMENTA FONTOURA S. A.

Standard

ESTA página focaliza aspectos da tarde de 15 de dezembro passado, no Instituto de Educação, quando alí se procedeu á entrega de certificados ás pequenas alunas da Escola Primária que concluiram o curso de 1944.

Apresentou-se, então, á assistência que enchia o Auditório do Instituto, a Orquestra Infantil do Departamento de Educação Nacionalista, composta de alunos das Escolas Primárias da Prefeitura e organizada sob os auspícios do coronel Moacyr Toscano, ilustre diretor do D.E.N. e grande animador de tôdas as iniciativas de cultura artística promovidas por aquele órgão da Secretaria Geral de Educação e Cultura, com o apoio entusiástico do coronel Jonas Correia.

Trata-se de um conjunto de pequenos artistas que realiza, com grande esfôrço, e graças ao estímulo dispensado pelo coronel Toscano, uma obra de amplo sentido artístico-educacional merecedor dos mais justos aplausos de quantos se interessem pelos movimentos de difusão da música sinfônica no meio escolar.

No Institut

de Educação

O Modêlo da Semana

Qual é o seu Problema DE BELEZA?

Espinhas
Cravos
Manchas
Sardas
Cutis cansada
Rugas

Tudo isso se corrige com "Cêra Mercolizada" (Mercolized Wax), que vale por um tratamento de beleza. Cêra Mercolizada faz surgir a nova cutis que existe sob a sua péle atual. Faça uma experiencia ainda hoje.

STALLAX - Shampoo de luxo - deixa o cabelo perfeitamente limpo e livra o couro cabeludo de caspa. Você notará quanto formoso, ondulado e sedoso ficará o cabelo depois da lavagem com STALLAX.

Cêra Mercolizada
CONSERVA SUA CUTIS
Bella e Fresca

ESTE elegante modêlo, oferecido hoje ás leitoras de FON-FON, vem apresentado por Maria Montez, a linda "estrela" da Universal. Deve ser executado em seda lisa, com franzidos dos lados e nos ombros. Mangas em estilo de capa. Publicamos, no suplemento anexo á esta revista, os moldes dêste vestido em manequim 44, bem como as miniaturas que muito auxiliam a execução do trabalho.

SOPA DE FUBA' TORRADO. — Derreta 1 pedaço de toucinho em uma frigideira e depeje 1 chícara de fubá fino, misturando-o constantemente até que fique bem torrado. Dos ossos da carne, extráia 2 litros de caldo forte e adicione-lhe o fubá, mexendo. Depois de 5 minutos a sopa estará engrossada. Retire-a então do fogo, servindo bem quente, acompanhada de presunto picadinho, que lhe adicionará pouco antes de ir á mesa.

SOPA DE FEIJÃO BRANCO. — Quando estiver bem cosido o feijão branco (uma chícara de leite, em 4 chícaras de água quente e temperos), passe-o pelo espremedor, e junte outra á água em que foi cosido. Faça um molho branco ralo com 4 chícaras de leite, 4 colheres de manteiga e 3 colheres de farinha de trigo. Adicione, com sal a mostarda, ao feijão. Leve ao fogo e esquente até o ponto de ferver. Sirva, com quadrados de pão torrado, imediatamente, para que o leite não coagúle.

ROLINHOS DE PEIXE COM TOMATES. — Tempere com sal e caldo de limão um quilo de filet de peixe, já cortados em pedaços retangulares. Deixe que assim fiquem durante algum tempo. Enrole um por um, colocando no centro um pedacinho de cenoura cosida e outro de toucinho. Espete com um palito. Derreta 50 grs. de manteiga e unte bastante uma fôrma de vidro. Pique 500 grs. de tomates em 4 partes e salgue-os ligeiramente. Deite então os rolinhos e tomates na fôrma.

Salpique com salsa picada e o resto da manteiga misturadas.

Tampe a fôrma e coloque-a no fôrno por 15 minutos.

Si preferir, ponha também por cima uma camada de queijo ralado

FLORES GAÚCHAS. — Misture 1 colher de manteiga salgada com 1 chícara de leite, esquentando ligeiramente para dissolver bem a manteiga. Junte farinha de trigo, aos poucos, até que fique a massa em boa consistência para estender Bata um pouco sôbre o mármore e abra com o rôlo de madeira esfarinhado, comprimindo para que fique bem fina.

Com a tampa de uma lata de chocolate, ou qualquer outra de tamanho equivalente, córte a massa em rodelas. Sobreponha-as umas ás outras, de 3 em 3, comprimindo com os dedos o centro, afim de se ligarem. Coloque em banha quente, para fritar. As beiradas deverão se abrir irregulamente, ficando assim com a aparência de uma flôr. No centro de cada uma deposite um pouco de paté de foie gras misturado a manteiga, e sirva.

PUDIM DE ASPARGUS FRESCOS. — Depois de haver lavado 1 quilo de batatas, deposite-as em água a ferver e deixe que cozinhem. Quando estiver bem tenras, retire do fogo, descasque-as e córte em pedaços. Passe-os pela peneira e junte á massa 1 colher de farinha de arroz, 4 gemas, 6 aspargus cozidos e, por último, 4 claras batidas em neve. Despeje em uma fôrma redonda que tenha uma cavidade no centro, untada e polvilhada de farinha de rosca. Conserve no fôrno até que solte da fôrma. Retire-a um pouco antes de servir, e, depois de ter esfriado durante alguns minutos, vire sôbre uma travessa, cobrindo-a com o seguinte molho:

—

"Molho do Pudim": Adicione 1 copo de leite a 1 colher de manteiga e 1 de farinha de trigo. Junte 4 ovos cozidos, cortados em rodelas. Despeje por sôbre o pudim, enchendo o centro e deixando que escorra para a travessa, simetricamente. Em cima coloque alguns aspargus já cozidos e passados em manteiga quente.

Com toucinho defumado enrole 4 feixes de aspargus também cozidos e amanteigados.

SONHOS. — Peneire juntamente 10 colheres de farinha de trigo e 1 colher (das de sôpa) de fermento em pó. Junte-lhes 2 gemas e 1 clara batida separadamente; 4 colheres de açúcar e quantidade de leite suficiente para amassar. Tire ás colheradas e frite em bastante gordura. Deixe escorrer durante algum tempo, sôbre papel, passe em açúcar com canela, e, se preferir, recheie com mel, abrindo ao meio.

EMPADINHAS DE QUEIJO. — Amasse 7 colheres de farinha de trigo com 2 colheres de manteiga, 1 gema e 1 colherinha de sal. Quando a massa estivér bem igual, estenda-a e com ela forre pequenas fôrmas untadas de mantiga. Leve ao fôrno. Dez minutos depois, retire-as. Encha-as com o seguinte creme de queijo: rale a quarta parte de um queijo de Minas, junte 1 copo de leite, 1 colher de manteiga derretida e 4 ovos. Deite outra vez no fôrno as empadinhas, agora recheiadas, por uns 15 minutos.

RISOTTO ARGENTINO. Refogue, em uma caçarola grande, 1 cebola cortada em 4 pedaços, com 50 gramas de manteiga e 50 de tutano. Junte também um pouco de miolo de pão, aos pedacinhos. Logo que a cebola esteja dourada, retire-a e junte 500 gramas de arroz. Estando êste corado, despeje 1 chícara de vinho branco. Deixe que êste evapóre, por algum tempo, adicionando então 3 chícaras de caldo de carne, aos poucos, á medida que o arrôz vai cozinhando. Tenha o cuidado de conservá-lo bem húmido. Quando perfeitamente cozido, junte 150 gramas de queijo parmezão ralado. Minutos antes de servi-lo, junte 100 grs. de presunto cortado em pedacos regulares. Si preferir, misture-lhe tambem 1 latinha de petits-pois aquecido em manteiga.

Enfeite a travessa com pequenas fôlhas de alface.

SALADA DE PALMITO. — Cosinhe 6 batatas grandes. Pique-os em cubos pequenos. Arrume-as no centro de uma travessa. Córte em rodelas o palmito de uma lata e coloque nas extremidades da travessa. Faca o seguinte molho: Refogue levemente 1 colher de cebola picada em 3 colheres de manteiga, ou óleo vegetal. Misture a 1 colher de farinha de trigo. Em seguida junte meia chícara de massa de tomate feita de tomates frescos, uma chícara pequenina de água e sal e azeitonas picadas. Cosinhe durante cinco minutos, mechendo constantemente. Cubra com êsse molho os palmitos e batatas, servindo imediatamente.

ORAÇÃO DE NATAL DA PATRIA-CRIANÇA

(Continuação)

Nas cabanas exúes dos míseros caiçaras,
Talvez de uma jangada ou cerca de taquaras?
Sob a copa gazil dos verdes coqueirais,
Na pahoça prziana onde tôda ventura
Da próle que ficou do jangadeiro audaz
Ao longo das caudaes que portam os destroços
E' o regresso feliz dos mares que procura?
Nessas colôniae das fazendas de café,
Desses tropeiros no ranchinho de sapê,
Nesses casebres de madeira do sertão,
Dos garimpeiros no modesto barracão,
Dos gaúchos nos galpões e nas favelas feias,
Nos canudos, na rua, em tôdas as aldeias,
Quantos milhões de criancinhas pobres!
São os teus, Senhor, os que nasceram como tu.
Lá entre os animais, mas tendo o corpo nú;
Sendo que tu nasceste entre animais domésticos,
E muitos desses entre as cobras no balseiro,
As verminoses e os mosquitos da maleita,
Das úlceras mortais e a doença do barbeiro.

Vê quanto sofrimento, ó Cristo, e ansia desfeita!...

Por isso, o teu Brasil, nosso Brasil, já sente
O hálito morno dos conflitos dêste mundo.
Uma desordem ímpia, uma anarquia ambiente
Geradas na ambição e no ódio mais profundo,
Fizeram com que tú, Senhor, fosses banido.
Sonhando agora crear uma Nação isenta
Dos males infernais e crimes que fomenta
O vil materialismo deste século,
Nós, que sofremos as torturas mais pungentes
Dessas maquinações fecundas, incipientes,
Escutamos, também o lúgubre rumor
Dessas conspirações urdidas no estrangeiro,
Do trabalho ardiloso, ignobil do traidor,
Dos que querem varrer, de uma vez para sempre
Da lembrança cristã do povo brasileiro
Os últimos vestígios da tua luz.
Perguntamos também ao dia de amanhã:
— Que nos trazes de máu aquí nesta Canaan?
Divisamos também, dos lados do Oriente
A luz vermelha do astro aziago, a luz ardente
Da estrêla ímpia e augural que tem do sangue a cor.
Qual a prece que nós, teus soldados, Senhor,
Podemos dirigir-te, orando ao pé da cruz?
Esta Pátria Criança atende, ó meu Jesus!
O Brasil também vae por o seu sapatinho
Debaixo deste céu, á beira do caminho.
Papá-Noel, que é máu, que é torpe, que é venal,
Irá á casa do rico, e, olhando o vil metal,
Talvez que deposite um custoso presente
No sapato encarnado, o daquelas nações
Que tiverem mais ouro e esquadrás e canhões.
Tú, porém, meu Jesus, que és bom e que és clemente,
Porque és, como o Brasil, também uma criança,
Tú, que sempre gostaste e amaste as criancinhas,
Ama de todo amor esta Patria-Criança.
E, quando o sono caír sôbre as terras maninhas,
Da amazônia o resono êrmo das pororócas,
Da Paulo-Afonso o ronco, ecoando nas tabócas,
E o livre respirar das lindas Sete-Quedas,
Sozinhos, se elevarem ás célicas veredas,
Do espaço misterioso e sempre resplendente,
Do Cruzeiro do Sul sôbre a Nação dormente,
Desce do céu, ó Cristo! e nas águas do Atlantico
Caminha, como outr'ora, ao som de alegre cantico
Caminhavam com a Cruz as tardas caravelas
Sôbre as ondas do mar, com as enfunadas velas,
E vem depositar no verde sapatinho
Que o Brasil colocou á beira do caminho,
Teu presente, Senhor.
Traze, pois, do Infinito o gládio da tua estrêla.
E que êle se transforme em alerta sentinela
De inspirada Justiça ás mãos da mocidade,
Num profundo sentir da Pátria e a Humanidade;
Na fortaleza d'alma e esperança de um povo,

(Conclue na página 64)

Palmolive garante mais beleza em 14 dias apenas...

Quando os poros da pele não respiram normalmente, esta perde, pouco a pouco, a sua elasticidade, sua firmeza, suavidade e frescura. Isso sucede quando os poros permanecem fechados pelo maquillage durante muitas horas do dia, o que V. pode evitar, fazendo uso do Sabonete PALMOLIVE, que é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma.

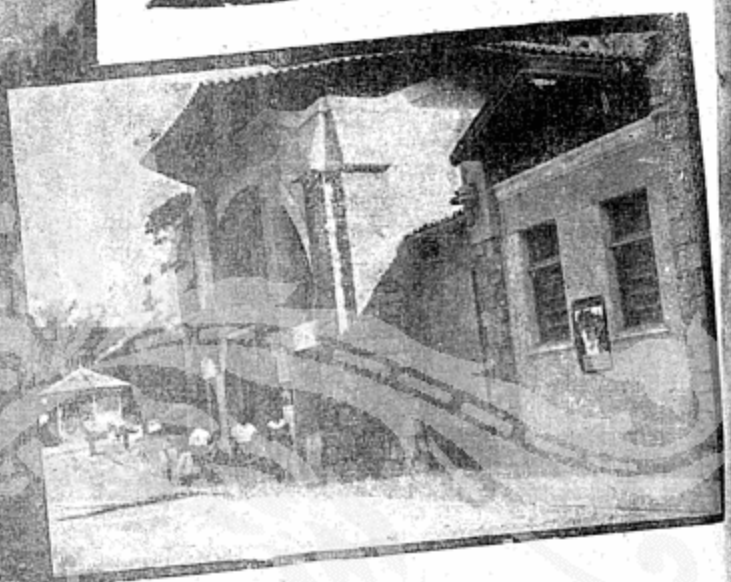
PALMOLIVE, o sabonete embelezador, oferece um tratamento muito simples e eficaz: cada vez que lavar o rosto, friccione durante um minuto com uma pequena toalha impregnada com a espuma vitalizante de PALMOLIVE. Si a sua pele for oleosa, aplique o método 3 vezes ao dia; si fôr sêca somente de manhã e à noite.

Muitas mulheres de tôdas as idades experimentaram o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS. Está provado que êle reativa a circulação do sangue, revigorando a cutis e impedindo a perda de sua elasticidade natural. Faça também essa prova durante 14 dias seguidos. Depois faça do MÉTODO PALMOLIVE o seu tratamento diário e permanente.

EMBELEZA DOS PÉS À CABEÇA

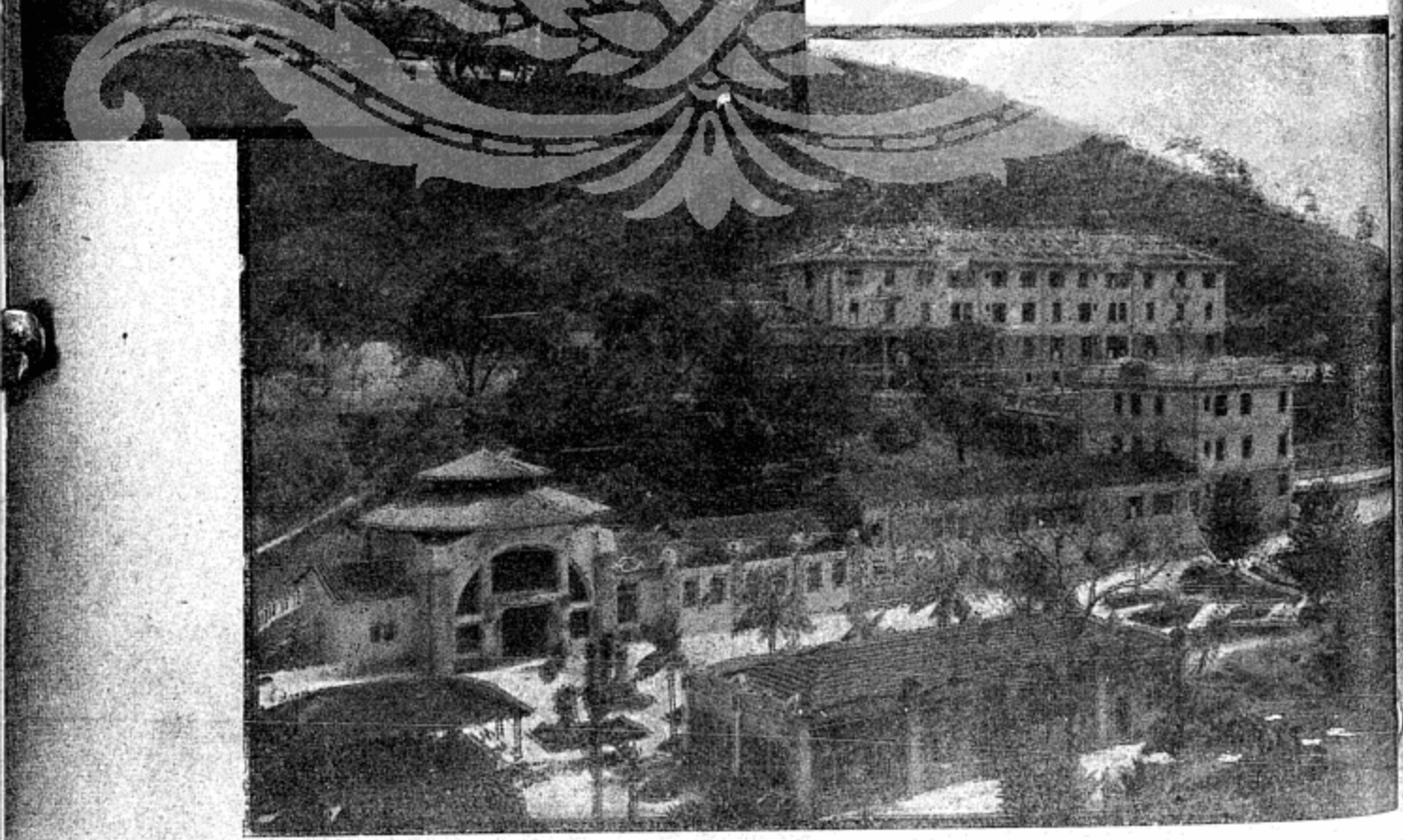
CIDADES PAULISTAS

LINDOIA



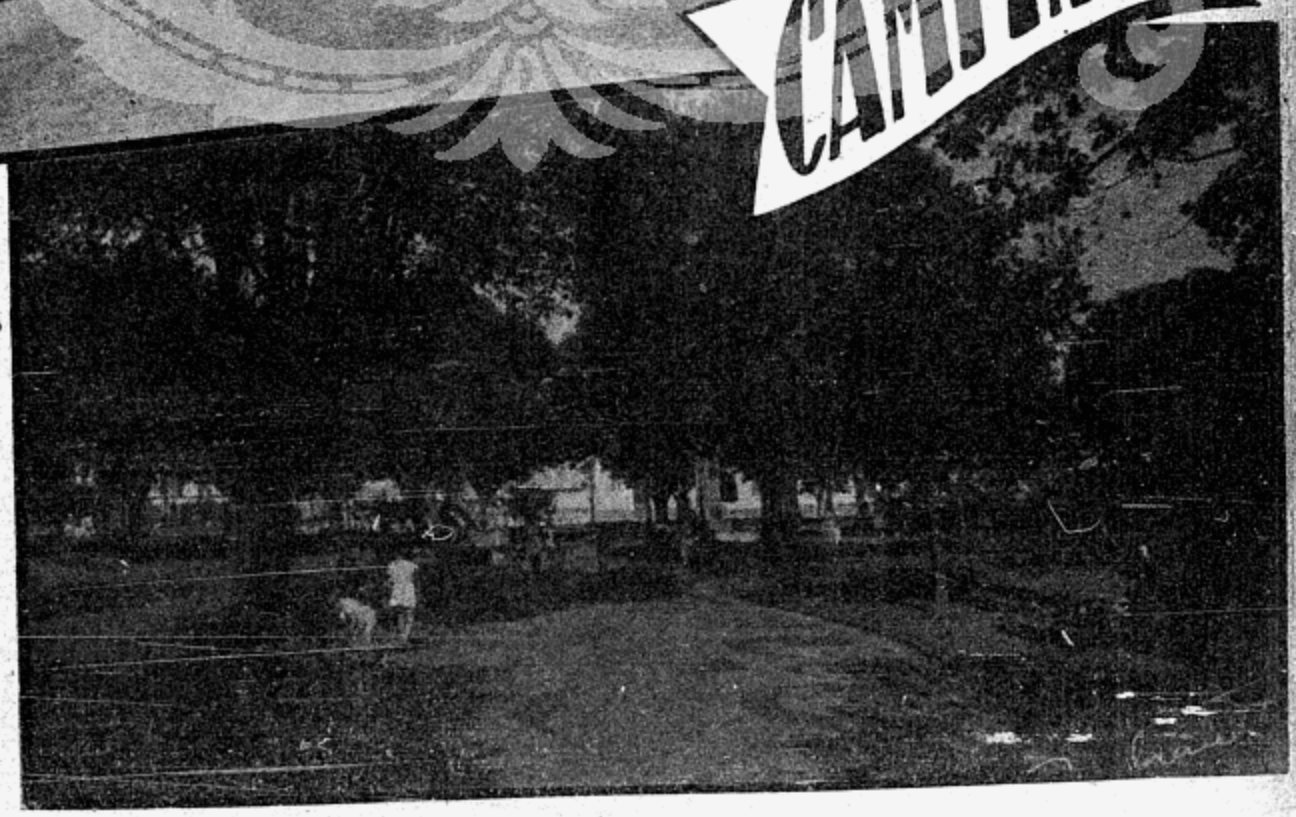
LINDOIA tem a opulência da Natureza casada ao deslumbramento da civilização e da elegância que se agitam nos seus parques e nos seus hoteis. No seu clima os nervos da metrópole se dulcificam e se aquietam..

(Fotos do Departamento de Turismo do D.I.P.)



CAMPINAS é a princesa que se veste bem e que sabe enfeitar-se. Seus jardins e avenidas têm a fascinação e a sombra das grandes árvores acolhedoras que refletem o esplendor e a exuberância da natureza paulista.

CAMPINAS



uma estação de águas, onde haja movimento, ambientes luxuosos, hipocrisia... E' o que nos convém. Não voltemos, pois, á casinha branca, minha amiga. Nossa presença, alí, seria quasi um sacrilégio. Sentir-nos-íamos semelhantes a assassinos no ambiente sagrado de um templo. Não voltemos mais, peço-te; fiquemos aquí.

Ela não disse nada. Envergonhada, baixou a cabeça, enquanto grossas lágrimas ensopavam o rico tapete oriental.

E não tornaram á casinha da serra, a qual ficou perdida entre pinheirais, perfumada pelos mangericões, abandonada aos pássaros, que continuaram entoando suas singelas canções sob as janelas desertas.

*

— E' extraordinário o seu romance, Gilberto! — afirmou, sincero, um de seus amigos.

O jovem escritor aceitou o elogio. Sabia-o merecido. Havia trabalhado muito, esforçando-se o máximo. Pusera tôda a sua alma naquelas páginas; enchera-as com a sua sensibilidade de poeta. O amigo tinha razão. Seu romance era, de fato, extraordinário! Valia o termo empregado para classificá-lo.

— Quando vais publicá-lo? — perguntou o rapaz.

— Pretendo levar os originais ao editor, no sábado.

PAISAGEM

(Conclusão)

Foi deixar o amigo á porta. Voltando, passou pela sala de visitas. Seus olhos pararam, casualmente, na tela, que o inspirara a escrever. "O passado não volta". Examinou-o. Veio-lhe, de repente, enorme piedade por aquele casal feliz, o qual a sua literatura sacrificara. Para êle, o quadro tinha, agora, outra significação. Já não via, alí, a ventura simples, verdadeira, criada pelo pintor romantico, e sim a decepção imaginada pelo escritor realista. Teve remorso...

Uma idéia surgiu-lhe: não publicar o romance; rasgá-lo, destruir suas personagens, e deixar viver, apenas, as primitivas, as da tela. Eram menos reais, porém muito mais belas e dignas de admiração. Por que sacrificá-las? Que ganharia? Alguns elogios, muita inveja, poucas críticas, verdadeiramente satisfattórias, muitas más... e o esquecimento final. Na balança da vida pesa, sempre, o lado peor. A glória... alcançá-la-ia? Pouco provável. Raramente, a alcançamos em vida; e depois de morto, não lhe interessava. Não tinha essa validade tôda. Portanto, valeria a pena editar sua história? Não! Estava decidido; não a publicaria.

*

No sábado, quando o gordo e calvo editor veio apanhar os originais, Gilberto comunicou-lhe:

— Desculpa-me, meu caro, porém, não vou mais publicar o romance. Mudei de idéia...

O outro não acreditou. Disse:

— Que pilhéria, Gilberto! Não disponho de tempo para brincadeiras.

O escritor não se perturbou. Abriu a gaveta, retirou um maço volumoso de papéis e, calmo, reduziu-o a pedacinhos. Perguntou, depois:

— E isto, agora, também é pilhéria?

— E's louco, rapaz! — apostrofou o editor — Fazer uma cousa absurda assim!... Deves consultar um psiquiatra. Tenho a certeza de que não resistirás a um exame de sanidade mental.

E saiu, indignado, batendo a porta após si.

Gilberto sorriu. Um sorriso bom de quem está de perfeito acôrdo com a sua conciência.

Dirigiu-se para a sala. Olhou a tela. A paisagem, de côres suaves, pareceu-lhe mais bela; o parzinho romantico, imutavelmente feliz, amoroso como periquitos...

Sentiu-se compensado de seu sacrifício, como alguem, que, embora ferido, teve a satisfação de salvar uma criança da queda num precipício.

Pensou: a felicidade é tão rara que seria pena não a deixar perpetuada... ao menos numa tela.

ORAÇÃO DE NATAL DA PÁTRIA-CRIANÇA

(Conclusão)

Na bondade, inocência e candura das raças
Fortes e sonhadoras.

Que tudo isso, que é luz do teu astro, Senhor,
E que é aço do teu gládio exortador, tu faças
Com que se concretize em forte Estado novo
Numa supervisão de insigne estadista;
Num Governo que tenha ao mesmo tempo em vista
Essas palpitações febris da dor humana
E a coragem viril de um puro idealista.

Desce ao Brasil, apaga a rubra estrêla
Que vem da Ásia, trazendo o espírito do mal,
Para que o Novo Mundo, alcançando o que anela,
Seja digno de ter também o seu Natal.

ARTHUR NUNES DA SILVA.

Das Academias Fluminense e Niteroiense de Letras.

Das *"Esmeraldas"*

BANHOS FRIOS E BANHOS QUENTES

Os banhos frios e quentes são igualmente usados para o asseio do corpo. Mas os banhos frios, além disso, estimular a pele e o organismo e são mais indicados no nosso mlica. Os banhos quentes são aconselhaveis em casos especiais, principalmente pelos efeitos benéficos sôbre o sistema nervoso.

Salvo indicações especiais, prefira sempre o banho frio. (SNES).

Corte e alta costura em sua própria casa
pelo Método "TOUTEMODE"

Um curso completo por Correspondência em 5 meses a Cr$ 60,00 mensais, com direito ao Método e diploma. O Método «TOUTEMODE" é o mais completo e fácil, pois sôbre a base do corpo, desdobramos todo o programa. Todo o trabalho é examinado e devolvido pelo autor. Enviamos as lições mensais por Reembolso. Pedidos ao autor prof. J. DIAS PORTUGAL - Rua Ramalho Ortigão, 6 - 1º — Rio — Fone 22-6835.

Parábola para a Noite de Reis

A mãe estava ali regando as plantas do pequeno jardim, nesse entardecer de um dezembro causticado pelo calor. E o menino chegou, com a garganta apertada pelo nó de seda da primeira angústia.

— Mãe! — exclamou. — Meus companheiros riem quando falo dos Reis Magos. Dizem que êles não existem.

A mulher sorriu docemente. Seus dedos úmidos, perfumados de hortelã e cidra, acariciaram os cabelos louros.

— Meu filho — suspirou a voz materna. — Os Reis Magos existem, e sempre existirão enquanto houver sôbre a terra meninos que acreditem neles...

E o menino ficou pensativo, com o olhar fixo na grama recém-regada. As gotas de água pendiam das fibras de herva como minúsculas franjas. O rumor da cidade chegava até o subúrbio, sincopado pelo rodar dos ônibus nas ruas vizinhas. Que seria dêle e dos outros meninos, se os Reis Magos deixassem, repentinamente, de existir?...

— Mãe. Eu sempre acreditarei nos Reis Magos.

E nessa crença residia, precisamente, a magia dos Reis Magos, que morrem e ressuscitam continuamente. Porque cada menino e cada menina matam um Rei Mago no momento exato em que êle ou ela transpassa o umbral da adolescência. Mas, nasce outro, e outro quando tôda criança ouve falar pela primeira vez neles. E é assim a roda do tempo.

Por isso, hoje como ontem, e ontem como no primeiro dia do Filho de Deus na terra, sôbre as cidades rumorosas e insones descem os Reis. A velha estrêla de Belém já não brilha só com o fulgor cândido de então. Resplandece agora em luzes civilizadas; vermelho violento, verde crú e azul anil. Que tôda côr é boa para guiar os três Magos em seu roteiro maravilhoso. Porque há, no mundo, tantos meninos, tantos lugares, casas e ruas, que não seriam suficientes para alumiar o mágico caminho tôdas as estrêlas do céu, as que vemos e as que não veremos nunca.

E Gaspar, Melchior e Baltazar deixaram, como outras noites entre as noites, seus camelos amarrados à Ursa Maior. Orion, o infatigável caçador, cuidaria dêles juntamente com seu cão. E os reis, de tez morena e alvas túnicas, vão e vêm, joviais e contentes. Fácil e agradável é a tarefa nesta plácida e amável cidade. Os meninos estão em suas camas e os pais velam, juntamente com os guardas noturnos, ao resplendor dos astros. Dos fardos insondáveis caem brinquedos, guloseimas e ramos de pinheiro, sempre verdes, nos sapatinhos novos e nos que já não têm nem forma nem côr. E dentro dos sessentas segundos do quadrante, no relógio da tôrre próxima, os Reis estão já sôbre seus camelos. Seus olhos buscam uma estrêla. Esta aparece e desaparece. Fixa estava então sôbre os céus bíblicos; movivel agora sôbre o fundo negro do infinito ziguezagueando sôbre abismos de fogo.

Que fazemos, Gaspar? Que fazemos, Melchior? — pergunta uma voz.

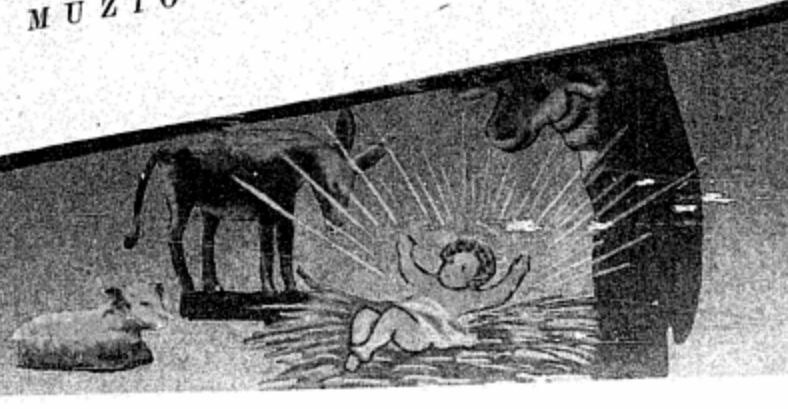
A rota do céu perdeu seus vestigios. Mãos diabólicas apagaram-nos. Os filhos dos homens do outro lado dos mares estão sem lar, sem luz, sem pão sem pais. Como chegar a êles através do fogo e da desolação? Apareceu, para desventura da humanidade, outro Herodes no mundo?...

Os três Magos detiveram seus camelos sob o dossel de Canopus. E ali ficaram sem pronunciar uma palavra, sem fazer um gesto. Até que, antes de raiar o dia, apareceu Vento Vêloz, que os convidou a acompanhá-lo.

— Levo três dias e três noites de vantagem sôbre os caças e bombardeiros — disse, com seu vozeirão de horizonte. — Se não nos apressarmos, apanhar-nos-ão. Vamos?

— Não — disseram os Magos. — Porque levamos aos meninos, e também aos homens dêste lado do mar, o Novo Amanhecer.

CARLOS MUZIO SAENZ PEÑA



FAUSTA

De MICHEL ZEVACO

Continuação do número anterior

— Meu amigo — murmurou com voz trêmula, — meu filho, vivei para mim, que sou preso á vida apenas por um ódio e que, depois que vos conheci, sonhei prender-me ainda por uma afeição!

Carlos sacudiu a cabeça e fixou o olhar na pistola.

— E', pois, preciso — disse Pardaillan.

Os dois homens encararam-se ansiosos. Tudo estava acabado!...

Pardaillan era de uma natureza absolutamente independente; um amigo leal, uma conciência muito livre, um espírito muito grande: repugnava-lhe opor-se pela fôrça á suprema resolução de seu amigo. Desvairado, procurava convencê-lo, desarmá-lo, e não encontrava meios.

— Adeus, Pardaillan, — disse Carlos, com voz firme.

Pardaillan colocou a pistola sôbre a mesa. E nêsse instante trágico, em que os dois amigos verdadeiramente dignos um do outro trocaram um olhar em que flutuavam pensamentos sobrehumanos, a porta se abriu, entrando Picoic, que gritou:

— Êle achou! Voltou; está alí!

— Quem? — perguntou Pardaillan, esperando que um incidente qualquer, por pequeno que fôsse, pudesse demorar a resolução de Carlos. Quem é que voltou; e quem está alí?

— Sou eu — respondeu uma voz lúgubre, rouca e grotesca.

E apareceu Croasse, enquanto Pardaillan fazia um gesto desanimado e desapontado...

— Eu — continuou Croasse — que depois de mil perigos consegui descobrir o segrêdo da abadia de Montmartre, pois vi-a esta noite, e a-pesar-da desesperada resistência que opús, carregaram a pobre Violeta e...

Croasse parou. Ouviram-se dois gritos. Pardaillan e Carlos caíram sôbre êle e arrastaram-n'o para dentro do quarto, enquanto que o infeliz, sufocado, acreditando que ia passar pelas torturas infligidas por Belgodére, pedia inutilmente misericórdia.

— Que foi que disseste? — exclamou Carlos, lívido como um cadáver.

— Viste esta noite Violeta? — bradou Pardaillan.

— Vi, sim — disse Croasse.

— Viva? — perguntou Carlos.

— Certamente, sim, viva! —respondeu Croasse, admirado.

O duque estava trêmulo e lançou um olhar sôbre Pardaillan. O cavalheiro tomou a pistola e apontou-a para Croasse, dizendo:

— Escuta bem! Trata de falar a verdade, se não queres ver os teus miolos queimados. Viste realmente Violeta? A pequena cantora? Estás certo de que foi ela mesma?

— Foi e sou capaz até de jurar.

— Viva?

— Como eu próprio.

— Não estarás por acaso enganado? Não serias vtima de alguma ilusão? Não a terias confundido com qualquer outra pessoa? Seria mesmo Violeta?

— Pois hão havia de ser?! Eu que a conheço há tanto tempo!

Pardaillan soltou a pistola e voltou-se para Carlos, que estava transfigurado por inefável sorriso. O duque caiu sôbre uma cadeira quasi sem sentidos.

A's vezes a alegria parece que mata. Nessa ocasião foi ela benígna.

Das respostas do companheiro de Picouic se concluia que Violeta fôra retirada do convento e levada para outra prisão.

Carlos, suspenso, ouvia Croasse como se êste fôra um Messias. Pela centéssima vez narrou êle como vira gente de má catadura entrar no convento; e como o caso o intrigasse, revestindo-se de grande coragem, seguiu-a. Os homens tomaram o caminho de uma casinha, conseguindo êle colocar-se de modo que pudesse assistir a tudo que lá dentro se passasse. Divisou então Violeta prisioneira e guardada por sete ou oito homens armados até os dentes.

— Esperei então — continuou êle — pela noite. Queria salvar Violeta, a todo custo; essa era a minha idéia.

— Bravo Croasse! — exclamou Carlos. — Toma lá esta bolsa.

— Muito obrigado, senhor! Depois, quando os guardas adormeceram, embriagados por muito haver bebido, pois os miseráveis esgotaram não sei quantas garrafas, dirigí-me para onde estava Violeta. Nessa ocasião entraram mais cinco ou seis sicários. Tratei de esconder-me, mas era tarde. Saltaram sôbre mim de espada em punho. Ainda tenho os sinais — disse, levantando as mangas e mostrando os braços, onde realmente havia manchas pretas.

— Mas disse Pardaillan — isso não parece ter sido produzido por espada.

— Por que não, cavalheiro?

— Tenho plena convicção de que foram feitas por bordoadas.

Croasse fez uma careta, lembrando-se do cacete de Belgodére; mas, retomando seus ares importantes, continuou:

— Vou explicar-vos o caso: graças á minha presença de espírito, os esbirros não puderam tocar-me com as espadas, pois defendí-me batendo-me nas paredes e nos móveis.

— A explicação está um pouco disparatada. Continua.

— Fui obrigado a bater em retirada em virtude do número de agressores, pois, enquanto uns caíam sôbre mim, outros levavam Violeta.

— E por que não vieste prevenir imediatamente?

— Imaginai, cavalheiro, que até ao romper do dia tive de bater-me nas encostas de Montmartre; fui, pois, terrivelmente perseguido. Afinal, conseguí fugir aos meus perseguidores e corrí imediatamente á rua Barrés e, não vos encontrando, vim procurar-vos aquí.

A verdade, como sabem os leitores, era muito simples. Depois da partida de Belgodére e de Violeta, Croasse descera do sótão, e, escondido, aguardara a abertura das portas de Paris, pois a ordem de Guise era de não consentir na saída de quem quer que fôsse, sem impedir de entrar. Assim, foi fácil a Croasse voltar a Paris.

Se Carlos e Pardaillan não acreditaram na extraordinária odisséa de Croasse, não o deram a perceber.

O essencial era que Violeta estava viva, visto Croasse haver afirmado e não havia motivo para duvidar de sua palavra. Mas, então, que fizeram de Violeta? Para onde a terjam levado? Súbito Pardaillan empalideceu.

— A' praça da Gréve! — murmurou. — Por que Fausta me falou em Violeta?... Por que me marcou entrevista hoje, ás dez horas da manhã, na praça da Greve?... Será que... Oh! abominável criatura!

Olhou o relógio, que marcava nove horas e meia.

— A caminho! — disse, com voz que fez estremecer Carlos. Duque, armai-vos bem... e seguí-me!

— Para onde vamos?... — perguntou Carlos, ofegante.

— A' praça da Gréve!

OS DOIS PAIS

BELGODÉRE passara a noite na praça da Gréve, seguindo os preparativos destinados aos suplícios de Magdalena e Joana Fourcaud. Êsses consistiam em duas forcas semelhantes a tôdas as outras, com a diferença que em tôrno das mesmas havia sarrafos metodicamente dispostos, semelhantes a dois cubos muito regulares, iguais aos que os lenhadores arranjam para vender lenha.

Na corda se pendurava a condenada pelo pescoço; depois se ateava fogo aos sarrafos. As chamas subiam então, envolvendo o corpo e queimavam, enfim, a corda; aquele caía no brasejro.

Belgodére assistiu, pois, a êsses preparativos. Quando terminaram as duas fogueiras em tôrno das fôrcas, viu trabalhadores construindo um grande estrado, que cobriram inteiramente com um tapete.

— Para quem é êsse estrado? — perguntou êle a um dos trabalhadores.

— Não sabeis que o filho de David e todo o seu séquito vêm assistir ao suplício das Fourcaudes?

— O filho de David? Ah! Ah!... Diabo! E quem é êsse filho de David?

— O senhor de Guise — respondeu, desdenhosamente, o operário. — Mas de onde vindes, que não sabeis disso?

Belgodére soltou uma gargalhada.

— E' um louco — murmurou o operário, afastando-se.

Belgodére não estava louco. Pensava simplesmente:

— Vamos, a festa será completa. Guise assistindo ao suplício de Violeta!... Esplêndido!

O dia começava a amanhecer e á medida que a luz inundava a praça, esta se enchia pouco a pouco de espectadores. De todos os recantos de Paris, grupos, com fatiotas domingueiras, chegavam e se acomodavam. Como dizia Belgodére, era uma verdadeira festa que se preparava. Vendedores de flôres e de hidromel circulavam entre a multidão. O povo ria.

A's oito horas, uma companhia de archeiros da Liga chegou á praça, entre aclamações: o momento se aproximava, o povo já não ria; hululava. Uma parte da multidão cercou o estrado que Guise devia ocupar e a outra foi postar-se nas proximidades da rua de S. Antônio, por onde deviam chegar as condenadas.

Belgodére ia e vinha no meio dessa multidão. Um lívido sorriso crispava-lhe os lábios. Parecia-lhe que essa enorme massa alí estava para celebrar a sua vingança. E quando ouvia gritos de morte contra as Fourcaudes, levantava a cabeça como se êle próprio fôsse o aclamado.

— Oh! minhas filhas! Flora, minha pobre Flora, bela como uma flor... tu Stela, que devias ser a estrela da minha vida, onde estás? A quem o infernal carrasco vos teria dado? Por que não estais aquí para presenciar a nossa vingança?

Êle se aproximou do lado da praça que dava para o rio. Uma liteira acabava de chegar, sendo colocada de modo que as pessoas que se achavam no seu interior abrangessem todo o cenário: a praça estava repleta dessa multidão agitada; corria um murmúrio entre o povo, excitado com o espetáculo a que esperavam assistir; o grande estrado cercado de archeiros; as duas fôrcas emergiam das fogueiras; vinte homens, mais ou menos, armados de espadas e punhais, cercavam a liteira, que conservava as cortinas descidas.

De repente, essas cortinas se entreabriram e Belgodére viu no interior um rosto pálido, que logo reconheceu:

— Fausta, murmurou êle.

Nesse momento ressoaram as trombetas e de todos os lados partiam aclamações delirantes. As mulheres agitavam suas mantilhas, os homens, os chapéus. Da rua do Temple surgia uma quadrupla ordem de cavalheiros com capacetes ornados de plumas e gibões de seda carmezim, sôbre os quais se destacavam as armas de Guise; êsses cavalheiros montavam cavalos ricamente paramentados.

Em seguida vinha a guarda particular de Henrique de Guise, suntuosamente vestida, trazendo ao ombro cintilantes alabardas; depois o capitão das guardas e os oficiais a cavalo.

Só, enfim, em um largo espaço, montando um magnífico alazão, aparatosamente vestido, surgiu o duque de Guise, produzindo em sua passagem um longo murmúrio de admiração.

Era um magnífico espetáculo!

Henrique de Guise e os demais fidalgos apearam-se e tomaram lugar no estrado construido em frente das fogueiras. Imediatamente se ouviram gritos sinistros de ódio e de morte; eram as duas condenadas que iam ser entregues á justiça do povo.

Então Belgodére olhou para o grande relógio do palácio dos prebostes: marcava dez horas. Voltou-se em seguida para a casa designada por Fausta. Esta, sombria e com as janelas fechadas, dava a impressão de um rosto trágico no meio das outras, em cujas janelas abertas se debruçavam mulheres agitando mantilhas e atirando flôres.

— E' tempo — disse Belgodére.

O boêmio encaminhou-se para a casa fechada e bateu fortemente. A porta abriu-se, um criado vestido de preto apareceu e, antes que o cigano abrisse a bôca, perguntou:

— Vindes a mandado da princesa Fausta?

— Sim — respondeu Belgodére, admirado.

— Entrai! Monsenhor morre de aflição á vossa espera!

— Ah! sou esperado aquí? — exclamou o boêmio, estupefato.

O criado levou-o, fazendo-o subir uma escada, e em seguida abriu uma porta.

Belgodére achou-se em um salão obscuro, arregalou os olhos e seu olhar ardente percorreu a sala. Viu o príncipe Farnése, que veio ao seu encontro, com o rosto muito alterado. Em seguida, êsse olhar cintilou e soltou um rugido de alegria furiosa.

— Êle está alí!

"Êle"... era Cláudio.

Sim, Cláudio estava alí. Depois do pacto com o príncipe Farnése, viviam os dois sempre juntos, unidos por um pensamento comum: matar Fausta, que matara Violeta.

Quando Farnése recebeu a carta que lhe dizia que sua filha estava viva, o carrasco estava a seu lado. O resto da noite foi para ambos um horrível suplício. Silenciosos, lívidos, olhavam-se sem se interrogar nem comunicar seus pensamentos.

Para Cláudio, Violeta era uma adoração; e a possibilidade de revê-la tinha-o transformado. Para Farnése, Violeta viva era a possibilidade do perdão de Leonor. Para ambos, era a vida... ou a volta da vida, pois tudo estava morto para êles.

Quando amanheceu, estavam tão transtornados, que mal se podiam conhecer. Farnese, saindo do torpôr mórbido em que se achava, chamou um criado e deu-lhe ardens.

— Esperemos — disse êle.

— Esperemos — respondeu Cláudio.

Farnése conservou-se imóvel, com os braços cruzados, enquanto Cláudio caminhava lentamente de um lado para o outro. Parecia que viviam em um sonho. Ora a carta de Fausta lhes parecia muito natural, ora a julgavam impossível. Mas porque Fausta havia de mentir? Com que fim? Com que interêsse?

— Essa mulher não mente — disse Farnése, respondendo a si próprio.

O tempo corria O cardeal murmurava ainda:

— Quem sabe se não será a própria Violeta que há de vir?

Cláudio não ouviu essas palavras, porque disse, surdamente:

— Quem será êsse homem que virá aquí? Por qûe meio nos mostrará a criança?

O rumor que vinha da praça, êles ainda não o tinham ouvido. Como, porem, se tornasse mais forte, Farnése, aproximou-se de uma das janelas, levantou a cortina.

A Gréce apareceu-lhe com as suas fôrcas, as duas fogueiras, o estrado, a multidão imensa, visão trágica que o fez recuar.

— Quem irão executar? — perguntou, com voz terrível, segurando o braço de Cláudio.

Êste conservou-se por alguns minutos horrorizado, vindo-lhe de repente a idéia de que aqueles preparativos eram para Violeta. Encaminhou-se para a janela e olhou o que se passava na praça. Um grito de morte foi repetido por mil bôcas. Sorriu e voltou-se, dizendo:

— Tranquilizai-vos. São as filhas do procurador Fourcaud.

— As finhas do procurador Fourcaud?

— Sim — respondeu Cláudio, estremecendo. — Joana e Magdalena.

— Porque sabeis que assim se chamam?

Cláudio estremeceu novamente e fechou as janelas para não ver o que se ia passar.

— Como lhe sabeis os nomes? — repetiu o cardeal.

— Tôda a gente o sabe — respondeu.

E, muito baixo, mas pálido ainda do que antes, o carrasco murmurou:

— Joana e Magdalena, as filhas de Belgodére. Ai! Quem podia prevê-lo?

Nessa ocasião, ouviram os dois fortes pancadas na porta de entrada da casa.

— Ei-lo — murmurou Farnése, baixinho.

Cláudio nada disse, mas dirigiu um olhar para a porta.

Na rua gritavam:

— Morram as Fourcaudes!...

Os dois nada ouviam; tôda a sua atenção estava presa ao homem que lhes vinha mostrar Violeta viva!... Entregá-la, sem dúvida!

Farnése, com a cabeça em fogo, avançou cambaleando para a porta... Esta se abriu e o carrasco ficou como que petrificado, prêso ao lugar em que estava, com os cabelos eriçados.

Estaria louco? Quando com o pensamento cheio de Violeta supunha ter a ventura de vê-la... eis o que rugiu êle:

— Belgodére!... Justamente quando as Fourcaudes vão morrer!... Oh! abominável fatalidade!

Então recuou como se a vista do boêmio o enchesse de horror, como se visse um espetro que lhe viesse pedir terríveis contas. Depois muito, muito humilde, com a cabeça baixa, recuava sempre...

Farnése reconheceu imediatamente o cigano com quem já falára na praça da Gréve, ordenando-lhe que conduzisse Violeta ao palácio de Fausta! Sua filha!...

Mas o boêmio devia saber onde se achava Violeta; era o enviado de Fausta. E, louco de alegria, tomando o braço de Belgodére, perguntou:

— Minha filha? Onde está minha filha?

— Sua filha? Estará louco?... — rugiu o boêmio.

Nessa ocasião avistou Cláudio e, desprendendo-se do cardeal, dirigiu-se para o carrasco, que tremeu.

— Há muito tempo que não nos vemos — disse Belgodére, com um riso que ressoou mais horrível do que o clamor de morte que subia da praça da Gréve.

— Minha filha — gemeu Farnése. — Foste tu que Fausta me enviou? Fala!... Vens entregar-me Violeta?

Belgodére não o ouviu talvez e deixou cair pesadamente a mão no ombro de Cláudio.

— Há muito tempo que me recusaste dizer onde estavam as minhas filhas...

Imediatamente, Cláudio volveu o olhar para a janela com visível expressão de horror.

— Escuta-me — murmurou êle, — eu supunha proceder bem... salvando as pobres crianças física e moralmente... Oh! Juro-te que as entreguei a um homem de bem... Não imaginava o que ia suceder!...

— Salvar as minhas filhas? — bramiu Belgodére — Salvá-las arrancando-as a seu pai? Esplêndido! Assim, digno carrasco, não te preocupavas com o sofrimento do pai? Não imaginavas que eu te infligiria luto por luto, sofrimento por sofrimento! Louco!... Três vezes louco! E tinhas uma filha também!

Cláudio endireitou-se, seu olhar caiu como um raio sôbre o cigano.

— Que dizes tu?

— Tua filha — urrou o boêmio — vai morrer! A tua Violeta!

— Violeta! — balbuciou Farnése, estupefato de horror diante do que ouvia.

— A tua Violeta — continuou Belgodére, que nem parecia ver o cardeal, — sabes quem a roubou?...

Dizei! Sabes? Fui eu... eu!... Compreendes?

Ainda uma vez o olhar de Cláudio se dirigiu para a janela, com indizível terrôr. Depois voltou-se para Belgodére, que se mostrou em tôda a sua altura e, com um movimento que lhe era peculiar, sorrindo e soluçando, gritou:

— Pois bem; não respondes, carrasco?... Dize onde está Flora. Que é feito de Stela? Dir-te-ei então onde se acha Violeta. Aqui estou para isso.

— Êsse homem matou a minha filha! — gemeu Farnese.

— Morta! — bramiu Cláudio. — Foi isso que vieste anunciar... Oh!... Que a desgraça caia sôbre ti, se assim é!

Belgodére soltou uma gargalhada.

— Dente por dente!... Queres a tua filha? Dize: queres vê-la?

— Horror!... Maldição!... Que diz êle? — balbuciou Farnése.

— Hoje, agora mesmo, vão ser enforcadas e queimadas as Fourcaudes!

Cláudio, que levantando-se, tomara um punhal, ao ouvir essas palavras, recuou, curvou-se; seu olhar vacilou e, com os lábios trêmulos, soltou um gemido murmurando:

— Perdão, perdão! Eu supunha fazer um bem!

— As Fourcaudes!... Uma já deve estar na fogueira; a outra a seguirá imediatamente... Sabes quem é a outra Fourcaude?... Sabes!... Sabes quem vai ser enforcada e queimada em lugar de Joana Fourcaude?... Pois bem; olha.

Com um pulo Belgodére chegou á janela, com um murro quebrou as vidraças. O sol inundou os três rostos lívidos e convulsos, e com o sol entrou o clamor do povo.

Farnése, delirante, debruçou-se na janela. Um lúgubre grito despedaçou o espaço.

— Violeta!... Alí... na fogueira!

— Olha!... — trovejou Belgodére.

Cláudio olhou. Na fogueira da esquerda flutuava o corpo de uma das Fourcaudes e as chamas já a envolviam. A outra era arrastada para a fôrca da direita. Essa era Violeta.

Cláudio, pegando Belgodére pelo pescoço, terrível, medonho, sem expressão humana, debruçou-se, obrigando o cigano a fazer o mesmo.

As duas cabeças juntas, hediondas, de condenados, como só se vêm nas velhas igrejas. Cláudio, com voz rouca, intraduzível, urrou no ouvido de Belgodére estas palavras:

— Olha por tua vez..., demônio!... Olha!... O corpo de Magdalena Fourcaude... Olha!... A corda que se quebra. Ei-la nas chamas!... Belgodere!... Aquela não se chama Magdalena!... E sim Flora..., tua filha...

Pronunciando essas palavras, Cláudio empurrou o boêmio para a sala, soltando uma terrível praga; e, apoiando-se á janela, pulou no vácuo.

Belgodere soltou um urro sinistro, tal qual as feras quando são degoladas.

Assim, como em um pesadelo, êle viu Cláudio atravessar o espaço e cair rolando no chão; depois, levantando-se, com o punhal no mão, atirar-se para a multidão, para a fogueira, para Violeta.

Belgodére estendeu os braços; lágrimas de sangue lhe corriam pelo rosto monstruoso; e, com voz de tigre, rugia:

— Flora!... Minha Flora!... Morta!... Como tua mãe!... E que morte hedionda!... Oh! Minha Flora! De repente, clamou, com acento desesperador:

— E Stela!... Minha Stelazinha!... E eu não te haver reconhecido hoje á noite!... Oh! Astros benfazejos!... Ainda me resta uma!... Espera, minha Stella!... Teu pai vai em teu socorro!

A visão de Stella, presa por êle mesmo no cercado da abadia de Montmartre, fulgurava em sua imaginação. Avançou para correr, e sentiu-se prêso por mão de ferro. Seu olhar, desvairado pela dor e pela alegria, cheia de esperança e de desespêro, onde havia trevas e luz, fixou-se na pessoa que o segurava.

— Quem és? Que queres?

— Sou eu o pai de Violeta! — exclamou Farnése com voz glacial — Vais morrer.

O pai de Violeta é Cláudio! — vociferou Belgodére, estupidamente admirado.

— Sou o pai de Violeta! — exclamou Farnése com desespêro. Tu a mataste; morrerás também!... Morrerás e serás maldito!

O punhal de Farnése brilhou, mas as fôrças o haviam abandonado; abriu os braços, girou sôbre si mesmo e caiu como uma massa.

Belgodére desceu, correndo, as escadas, e uma vez na rua correu para a porta de Montmartre.

A vertigem de Farnése durou pouco; violentos pensamentos giravam em sua cabeça. Abriu os olhos e viu que estava só! Subia um imenso rumor na praça da Greve. Farnése, tropeçando, aproximou-se da janela.

— Oh! Possa eu vê-la pela última vez! — balbuciou.

Suas mãos crispadas apoiaram-se no peitoril da janela. O que viu foi um espetáculo bem semelhante ás visões dos sonhos insensatos, dos pesadelos. Seus olhos se dilataram até fora das órbitas, e seu rosto lívido exprimia uma extraordinária admiração!

A EPOPÉIA

O duque de Guise e sua brilhante escolta se apearam junto do estrado preparado para êles. Os cavalos, presos pelas mãos dos lacaios, faram colocados do lado esquerdo. No lado direito ficaram os guardas, os arautos, cujas trombetas, com as armas dos Lorraines, lançavam de minuto em minuto uma fanfarra estridente.

Na ocasião em que os fidalgos, com um ruge-ruge de seda, subiam o estrado, um pagem, com as côres de Guise, tomava lugar entre os pagens do duque indo sentar-se na cadeira mais alta do que as outras que eram reservadas aos fidalgos. Por trás dessa cadeira se colocaram oito pagens que não se admiravam de ver o novo companheiro tomar o lugar de honra; ou por outra, não mostravam nenhuma surpresa; no palácio de Guise, a rigorosa etiqueta proibia qualquer palavra, qualquer movimento, qualquer gesto.

Por trás dos pagens, tomavam lugar Maineville, Bussy-Leclerc, Maurevert, Bois Dauphin, Chapelle-Marteau, Rolland, o cura de Saint-Gervain, fidalgos, a escolta real dêsse que era aclamado-rei. O estrado apresentava um espetáculo faustoso.

Subitamente, Guise empalideceu.

Os fidalgos tremeram e levantaram-se.

De um numeroso grupo que estava ao pé do estrado- ouviu-se um grito, ordenado pelo pagem desconhecido que fizera um movimento:

— Viva o rei!

— Viva o novo rei.

Os fidalgos do estrado hesitaram um segundo; com os olhos fixos em Guise, levantaram-se e se descobriram, trovejando:

— Viva o rei!

— Viva o rei! — repetiu, exaltada, a multidão delirante.

O pagem se debruçou sôbre o espaldar da cadeira de Guise, e murmurou:

Eis a ocasião de ser rei de França o rei de Paris!

O duque voltou-se, impressionado com essa voz vibrante:

— Vós, senhora! Vós, princesa Fausta! Aqui, com êsse costume!

— Estou sempre onde estais, pouco importa o costume, pois trago o vosso brazão. E' preciso agir, duque. Êsse povo vos levará nos braços até ao Louvre. Se o quizerdes...

— Princesa!... — balbuciou Guise.

— Viva o rei! — bramia o povo.

— Não, não sou a princeza — disse Fausta, impassível, voltando ao lugar dos pagens, enquanto o duque, voltando-se para o povo, agradecia. — A que vos fala, neste momento solene, não é a princesa Fausta; é o conselho secreto! E' a que vos fala em nome de Deus!... Duque, rei, escutai a voz de Deus!...

— Viva o rei... — delirava a multidão, girando em tôrno do estrado.

— Obedecei á voz que vem do céu! — prosseguiu Fausta, com voz áspera e profunda. — Tudo está pronto! O arcebispo de Leão e o cardeal vosso irmão estão na Notre-Dame. Mayenne está no Louvre. Brissac espera com seis mil soldados. Duque, depois dêsse espetáculo que exaltará o entusiasmo do povo, seguí para Notre-Dame, e em uma hora sereis o rei de França!

— Sim!... Sim!... — respondeu o duque, deslumbrado, transportado.

— Então seguireis para o Louvre e dormireis no leito de Henrique de Valois.

— Sim!... Sim!... — repetiu Guise, levantando-se e cumprimentando como se, enfim, aceitasse essa realeza que lhe oferecia o povo.

O povo agitava os chapéus e gritava sempre:

— Viva o rei! Viva o rei!

Fausta levantou os olhos para o céu, como se o tomasse por testemunha dos grandes acontecimentos que iam verificar-se.

Da rua Santo Antônio chegou até á praça um sinistro rumor.

— Ei-los! Ei-los!

Os gritos de morte se misturavam com as aclamações.

— Viva o rei! Morra o huguenote!

— Viva o pilar da igreja! Morram os herejes!

As duas condenadas apareceram e foram saudadas com gritos selvagens. Cada uma estava cercada por um pelotão de archeiros.

A que chamavam Magdalena ia na frente, a mais de cinquenta passas da outra, que se chamava Joana Fourcaud.

Guise sentou-se em sua cadeira. Por trás desta estava Fausta, semelhante ao anjo da morte.

Todos os olhares convergiram para Magdalena, a primeira que entrava na praça.

— Bela rapariga! — disse Guise.

Em tôrno dele riram-se. Era, com efeito, bela, com seus longos cabelos negros, a pele de um moreno mate, como se descendesse de algum cigano.

— Morra! Morra! — gritava o povo.

Magdalena, Flora, a filha de Belgodére, atingiu enfim a fôrca que lhe era destinada. Lançou em tôrno um olhar moribundo, de suprema agonia! Imediatamente a suspenderam e, presa pelo pescoço, ela flutuou no ar. Uma exclamação furiosa retumbou e logo dez, vinte mãos atiraram fogo aos sarrafos.

Uma fumaça branca subiu para o céu. A túnica se incendiou e caiu; o corpo de Madalena apareceu no sinistro impudor e logo foi envolvido pelas chamas.

Guise repetiu:

— Bela rapariga!

A última palavra morreu-lhe na garganta. Tornou-se lívido como se fôsse fulminado. Quís gritar e não pôde. Seus olhos saltaram das órbitas; fixaram-se na segunda condenada arrastada para sua fôrca.

— A outra! — bramiu o povo.

Guise viu essa outra. Desvairado, horrorizado, reconheceu-a!

Vestida com a sua longa túnica branca, era aquela que encantava seus sonhos, cuja imagem o acompanhava; aquela a quem amava.

Era Violeta!

Tôda de branco, aureolada por seus louros cabelos, caminhava sem compreender, talvez, e seus olhos de um azul quasi violeta erravam com muita doçura sôbre o povo. Teve um movimento de indizível terror ao ver o corpo de Magdalena que se torcia nas chamas.

Guise soltou um grito rouco. Como estava Violeta no lugar de Joana Faurcaud? Perguntava-o a si próprio. Só teve um pensamento: Salvá-la! Salva-la, custasse o que custasse. Levantou-se e deu uma ordem.

— Que ides fazer? — murmurou-lhe uma voz conhecida.

Guise voltou-se para Fausta e mostrou-lhe Violeta.

— Sei — disse Fausta, friamente. — E' preciso que morra.

— Não! Não!

— Salvai-a, pois, se puderdes... Insensato! Não compreendeis que o amor dêsse povo por vossa pessôa se transformaria em ódio?... Vamos! Ordenai que salvem a condenada! Vereis como Paris executa essas ordens!

Guise caiu em sua cadeira. Tremeu pela realeza e por sua vida. Lívido, murmurou, baixando a cabeça:

— Oh! E' horrível! Não quero ver!... E fechou os olhos..

Fausta recuou e sorriu sinistramente, murmurando:

— Vencí!...

Nessa ocasião vivos aplausos soaram; um grupo, sem dúvida impaciente por ver queimar a esgunda Flourcade, avançou sôbre os guardas que arrastavam Violeta.

Fausta soltou um grito de horror.

A' frente dêsse grupo ele reconheceu um homem que rompia a multidão; chegando até onde estava Violeta, arrebatou-a. Êsse homem era Parlaillan!

O cavalheiro e Carlos partiram da Deviniére, seguidos por Picouic.

Quanto a Croasse, essa rápida partida, com armas na mão, não lhe parecia convidativa; e, fiel a seus hábitos de prudência, deixou-se ficar em casa, murmurando:

— Se é preciso haver combate, é preferível aquí mesmo. Gosto de estar só, quando tenho de bater-me, desde que descobrí ser um valente.

— Caro amigo — dizia Carlos a Pardaillan — desejo viver, pois que ela vive. Mas onde havemos de encontrá-la? Ah! Para conquistá-la, revirarei Paris!

— Tanto melhor, senhor; não sei se me engano, mas parece-me que temos de entrar em combate; sinto formigueiros no sangue...

— Não sei... Corramos.

— Que vamos fazer na praça da Gréve?

— Quereis que vos diga? — disse o cavalheiro, correndo com rapidez.

— Sim.

— Pois bem; suponho que vamos ver Violeta. Carlos empalideceu e abafou um grito.

— Oh! — replicou êle. — ouvís, Pardaillan?

— Sim — respondeu o cavalheiro, tremendo. — Conheço êsse ruido; ouví-o duas ou três vezes em minha vida; e sempre que o ouço, Paris vai cometer um crime.

— Um crime?... Vós me ocultais alguma cousa, O cavalheiro resmungou uma praga e precipitou a corrida. Que pensava? Que temia? Não o sabia. Corria para a praça da Gréve, porque Fausta lhe marcara uma entrevista naquele lugar, e pronunciára o nome de Violeta.

Quando alí chegaram, cansados, suados, viram ondas humanas, tumultuosas, que ululavam, aclamando e soltando gritos de morte.

Pardaillan dirigiu-se ao primeiro burguês.

— Que ha? — perguntou.

— Não o sabeis? Vão enforcar e queimar as condenadas Fourcaudes, em presença do senhor duque de Guise.

— Uff! Não é "ela" que vão matar!...

— Ela!... — murmurou o duque. — Que supúnheis?

— Estais certo — disse Pardaillan ao burguês — de que se trata das Fourcaudes?

— Como não!

— E quantas são?

— Duas. Magdalena e Joana.

— Pobres meninas!... — murmurou o cavalheiro, reprovando a sua alegria por não ser quem êle pensava.

— Pardaillan! Em nome do céu, dizei; quem supúnheis?

— Não vale a pena! Eu supunha... Mas, para que? E contudo...

— Vamo-nos, se nada tendes a fazer aquí. Êsse espetáculo me faz mal.

— Ao contrário, avancemos.

E começaram a abrir caminho, com os cotovedos, com os ombros, tratando aproximar-se da fogueira.

— Bom dia, cavalheiro — disse-lhe uma voz feminina, segurando-o pelo braço.

— Onde vos vi, pequena?

— Como? Não vos lembrais do albergue da Esperança? Naquela noite em que quisestes ver a cigana que lia a "buena dicha"?... Destes-me dois escudos... e eu vos dei meu endereço.

— Loison! — disse o cavalheiro, sorrindo.

— Ah! — Lembrai-vos de meu nome?

Gritos tempestuosos interromperam Loison. Era Guise que desembocava na praça, com a sua real escolta, no meio de aclamações.

— Que fazes aquí? — perguntou Pardaillan, enternecido pelo olhar de gratidão de Loison.

— Procuro aventuras.

— Com teu amigo Rougeaud? — disse o cavalheiro, rindo.

— Com todos e tôdas. Olhai, senhor, para o lado das fogueiras.

— Vejo burgueses agitando os chapéus e gritando como se estivessem sangrando!

— Enquanto êles gritam, mais de uma bolsa cai nas mãos dos nossos. Hoje haverá grossa pagodeira na "Trianderie", e se o senhor quiser...

Loisen não teve tempo de terminar o seu convite. Novos clamores se levantaram na praça da Grève. Eram as Fourcaudes que apareciam. Magdalena na frente, seguida por archeiros, que, com dificuldade, a guardavam.

Carlos estava junto de Pardaillan. Voltava as costas para a praça, onde chegavam as condenadas.

Seu olhar fulminava o duque de Guise; apertava o punho da espada; pensamentos loucos lhe invadiam o cérebro. Pensava em saltar sôbre o estrado e provocar o duque — o raptor de Violeta, o assassino de Carlos IX. Insultá-lo no meio dêsse povo idólatra, e gritar-lhe:

— Duque, aceitaste o meu desafio nessa mesma praça. Defende-te se não queres que te proclame duas vezes covarde!... Traidor.

Foi nessa ocasião que Loison, levantando-se nas pontas dos pés, viu Magdalena. Fez o sinal da cruz, como boa católica; mas parou antes de concluir, pois acabava de descobrir a segunda condenada.

— Oh! — murmurou — Que extraordinário!

Pardaillan, por sua vez, viu a segunda condenada. Nunca vira Violeta; não a conhecia; mas estremeceu. Mil vezes ouvira a sua descrição, pelo duque de Angouiême. Seus louros cabelos, o azul de seus olhos, seu rosto tão cheio de harmonia e graça.

Lançou um rápido olhar para Carlos. As palavras de Fausta ressoaram em seus ouvidos... Na praça da Gréve, as dez horas... No palácio dos prebostes soaram dez horas. Foi nessa ocasião que Loison murmurou:

— E' extraordinário!... Eu conheço essa jovem.

— Então a conheces? — perguntou Pardaillan, segurando o braço de Loison.

— Sim! ... Via-a no albergue da Esperança, com o cigano, com os dois hércules e a cigana que lê a "buena-dicha"... Chama-se Violeta.

Pardaillan transfigurou-se. Foi abalado por um sombrio desespêro. Com um rápido olhar circular, abraçou a praça, e, fixando-o em Carlos, se encheu de compaixão.

— Vamos!... Tentemos o impossível... — murmurou — E' preciso morrer aquí; seria um fim digno de mim!

Loison seguiu o pensamento do cavalheiro. Ouviu aquelas palavras. Viu Pardaillan avançar para Carlos; com a rapidez do raio compreendeu que o cavalheiro amava a condenada, e disse:

— Ama Violeta! Era ela a quem êle procurava no albergue da Esperança. Vai morrer por ela!

Imediatamente Loison lançou-se por entre a multidão ululante; caminhava com tanta fúria, tão desvairada, que o povo se afastava para deixá-la passar.

Pardaillan aproximou-se de Carlos. O momento era supremo; era preciso arriscar tudo por tudo.

— Que olhais? — perguntou.

Carlos voltou-se e viu o cavalheiro lívido. Os olhos meio cerrados filtravam um olhar agudo como o aço; os lábios trêmulos, os bigodes eriçados, tal qual já o vira uma vez.

Pardaillan estendeu o braço para a condenada e, com voz estrangulada, disse:

— E' preciso olhar para alí!

Carlos cambaleou. Um grito atravessou os clamores da multidão e chegou até ao estrado, atraindo a atenção de Guise, de Fausta e de todos, enfim.

Carlos avançou, seguido por Pardaillan, que, puxando a sua grande espada, a segurava pela lamina e se servia do punho como se fôsse uma clava.

— Sim!! Sim! — dizia Carlos. — Morrer aquí por ela e com ela!

O cavalheiro pulava. Quando não lhe davam passagem, abria-a com o punho da espada e os momens caíam.

A multidão abria passagem; os que estavam na frente eram estripados e se estorciam, soltando um grito de dor; o povo fugia á direita e á esquerda. Vocoferações, pragas, insultos, urros ouviram-se em todos os sentidos... E Pardaillan passava como um meteóro, horrível, com o seu sorriso sob o bigode eriçado. Fez-se um claro entre o cavalheiro e os archeiros que rodeavam Violeta.

Esta, horrorisada, via o corpo de Magnalena que flutuava sôbre a fogueira; viu Pardaillan que corria como um furacão, e ao seu lado vinha Carlos. Estendeu-lhe os braços. Inefável sorriso lhe iluminou o rosto.

Carlos, louco, desvairado, avançou.

Os guardas cruzaram as armas, e Violeta ficou dentro de um círculo de alabardas e lanças. Do estrado se ouviam vociferações:

— Mata! Mata!

A multidão rugiu como uma tempestade e por mais um instante Carlos e Pardaillan seriam esmagoados, despedaçados, tal o furor do povo. Subitamente, dez, vinte homens de sinistra catadura avançaram armados de punhais e distribuiram gol-

pes a torto e a direito. A fuga recomeçou. Os desconhecidos gritavam:

— Pardaillan! Pardaillan!

O cavalheiro não indagou de onde lhe vinha êsse socorro, quem eram êsses que gritavam seu nome.

Por que a escrita é tão lenta para descrever tais momentos? Menos de vinte segundos decorreram desde que Pardaillan mostrara Violeta a Carlos, dizendo:

— E' para alí que é preciso olhar!

Diante da invasão dos truões, trazidos por Loison, o povo recuava desvairado de terror, cheio dêsse panico que, como que por eletricidade, se espalha pela multidão.

Os vagabundos saltavam, gritavam, pulavam, com os punhais levantados, e, quais demônios vomitados pelo inferno, repetiam sempre o nome de Pardaillan.

Guise, de pé, bramia de raiva.

Maineville, Bussy, cem outros, avançaram com as espadas em punho.

Fausta, furosa, levantava para o céu um olhar carregado de imprecações e, quando o volvia para Pardaillan, enchia-se de sobrehumana admiração. Porque era sobrehumana a audácia do cavalheiro. Eis o que se passara: Tudo que Paris possuia de mãos leves fora atraido á praça da Gréve, na certeza de frutosas operações entre uma multidão muito ocupada em dar gritos de morte para tratar de guardar os bolsos.

Os truões, mais fortes dos que os mais velozes ligueiros, gritavam: "Viva o pilar da Igreja! Morram os herejes!" E por assim gritar não perdiam uma dentada; ao contrário, formigavam em tôrno das fogueiras, onde o povo era mais compacto.

Os que já conheciam Pardaillan, do albergue da Esperança, guardavam da sua pessoa uma impressão de terror e de admiração e o reconheceram quando êle se lançou sôbre os archeiros. Uma luta com archeiros, com sentinelas, com agentes da autoridade, enfim, tem sempre um sabor especial para esses valdevinos.

Êles tomariam o partido de Pardaillan, ainda mesmo que não fôssem convidados por Loison, que, correndo de um para outro, dizia:

— Salva êsse homem, senão nunca mais me verás em tua cama!

Os que não ouviram essas palavras singulares acompanhavam os outros, sem saber por que, e em pouco tempo centenas dêsses tratantes cercava Pardaillan, soltando êsse grito de combate:

— Pardaillan! Pardaillan!

Houve um choque. Essa massa levada como uma tromba, essa massa eriçada de punhais, passou pela multidão, derribando-a, esmagando-a, pisando-a, fazendo-a fugir, soltando gritos de maldição, e chegou até aos guardas com as lanças cruzadas.

Foi horrível o choque. Mais de vinte homens caíram mortos; lamentos, gritos, imprecações, mulheres que desmaiavam, clamores de burgueses formavam um sinistro rugido. Os que conservaram sangue frio viram um fantástico espetáculo:

Pardaillan,com as vestes despedaçadas pelas lanças, ensanguentado, formidável, atravessava, como uma bala, a linha dos archeiros.

— Arreda! — gritavam os guardas que seguravam Violeta.

A espada do cavalheiro girou e o punho atingiu a tempora de um guarda, que caiu como uma massa; o outro recuou e rapidamente Pardaillan tomou Violeta nos braços e, voltando-se, mostrou-a aos que estavam no estrado.

— Mata-o! Mata-o! — vociferou Guise.

— Fui vencida! Sou amaldiçoada! — rugiu Fausta.

A luta entre os guardas e os vagabundos tornava-se mais renhida.

Os fidalgos desciam do estrado e corriam para onde estava Pardaillan, com os punhais desembainhados.

O cavalheiro atirou Violeta nos braços de Carlos, e disse:

— Eis a vossa noiva!

Carlos com as vestes em pedaços, delirando, acreditava sonhar; com as fôrças centuplicadas pela felicidade dêsse instante, recebeu Violeta, que naquele momentos abriu os olhos e logo o seu mêdo desapareceu.

Houve entre êles uma troca de olhares que teve a duração de um raio.

E foi no meio dêsse tumulto infernal, respirando a fumaça que saía da fogueira de Madalena, á luz daquelas chamas, que teve lugar a confirmação de seu amor.

— Adjante! — gritou Pardaillan.

E, seguido por Carlos, que trazia Violeta em seus braços, caminhava. Para onde? Seguir ao acaso? Não! Com um olhar êle vira a linha de retirada possível... Possível!... Isso era com êle! O que concebia, realidade ou sonho, executava!... Sim, com o seu sorriso irônico, trazendo nos lábios uma pontinha de zombaria.

— Os cavalos! — disse, designando a Carlos os que perteniciam á escolta de Guise.

Encaminhou-se para êles.

— Morre, demônio! — bramiu alguém junto dele. E logo êsse alguém caiu morto talvez.

— Ora essa, é Maineville!... disse Pardaillan, pondo-se em marcha e agora segurando a espada pelo punho.

A espada girava, feria, silvava abrindo um acminho de sangue... E o cavalheiro, ferido nos braços, no pescoço, no peito, com as vestes em pedaços, banhado em sangue dos pés á cabeça, caminhava protegendo Violeta e Carlos com a sua formidável espada.

Chegaram próximo aos cavalos e vinte fidalgos caíram sôbre êle ao mesmo tempo.

— Mata! Mata!... — vociferavam.

Pardaillan, tomando Carlos, abraçado com Violeta, levantou-os com um terrível esfôrço, colocando-os em um cavalo. A jovem enlaçou o pescoço de Carlos com um dos braços.

— Mata! Mata! — gritavam os assaltantes.

Avançaram sôbre êle... Os vagabundos fugiram... A mutidão voltava á carga com um clamor selvagem, compreendendo que lhe roubavam uma das Fourcaudes... e que a festa não seria completa por essa razão.

Pardaillan viu-se só!

Só contra quinhentos ou seiscentos homens!... Com a multidão enfim!

O cavalheiro sorriu!...

* * *

— Oh! tu, a quem amo murmurou Carlos, — que a minha última palavra seja: "Amo-te!"

— Oh! meu belo príncipe — disse Violeta, extasiada, — amo-vos, e a minha felicidade é grande em morrer em vosssos braços. Amo-vos!

Nessa ocasião o camor tornou-se indescritível, medonho... Carlos olhava de longe... De repente, a praça se evacuava..., e êle viu que fugiam por todos os lados... Povo, fidalgos, guardas, enfim todos fugiam.

E só Fausta ficou no estrado, rugindo imprecações de raiva.

Para todos os lados, para a rua, para o rio, se precipitavam torrentes humanas.

— Que seria?

Os cavalos da escolta, espantados sem dúvida, fugiam em debandada...

Quasi quatrocentos cavalos furiosos, relinchando, corriam em disparada, derrubanda, esmagando, pulando, mordendo... Um pavor!

— Mas por que essa súbita loucura?

Os cavalos, um momento antes, estavam reunidos em ordem, próximos do estrado, presos pelas brides em grupo de seis, tendo um palafreneiro para cada grupo.

Quando os vagabundos foram dispersados e os guardas e fidalgos se preparavam para atirar-se sôbre Pardaillan, êste pulou sôbre o lacaio mais próximo e atirou-o ao chão e ao mesmo tempo fustigou os cavalos com sua espada. Esta, transformada em chibata, açoitava as garupas, feria as narinas e ensanguentava os pobres animais, que, loucos de dor, se precipitavam em terrível galope; Pardaillan conquando terminou, soltou uma formidável gargalhada... como poucas soltara em sua vida.

O panico foi infernal; os lacaios, atirados ao chão; os cavalos soltos e correndo em tôdas as direções, soltando relinchos furiosos; ouviam-se gritos de dor e de raiva, enquanto que a fogueira de Magdalena lançava os últimos lampejos; só, no estrado, diante dessa derrubada que aniquilava os seus projetos, Fausta caiu desmaiada em uma cadeira...

Carlos, estupefato diante dêsse prodigioso espetáculo, ouviu de repente uma voz retumbante:

— Correi com todos os diabos!... Não é essa a ocasião própria para vos extasiardes nos gôsos do amor!

Viu Pardaillan a seu lado montado em um cavalo que tomara pela brida... coberto de sangue e suor:

— Vamos! — rugiu.

E lançou-se para a praça da Gréve, onde já não havia ninguém, isto é, para o rio; a multidão, temendo cair na água ,fugiu pelas ruas. Carlos seguiu-o...

— Fugí — disse Pardaillan; — ide para o vosso palácio e esperai-me.

— E vós?

— Vão perseguir-nos. Vou tratar de atraí-los. Se fugirmos juntos êles saberão onde estamos.

— Fugí, com todos os diabos! Ei-los!...

— Mas...

Pardaillan levantou a espada, fustigou a garupa do cavalo de Carlos, o qual partiu em disparada. Quanto a êle, conservou-se imóvel em seu lugar, olhando a túnica de Violeta, que flutuava desaparecendo ao longe.

— Estão salvos! — disse, soltando um suspiro.

Que recordações lhe despertava aquela túnica branca?... Murmurou baixinho um nome... O daquela a quem tanto amara...

Nessa ocasião ouviu, muito perto, gritos, rugidos que vinham da praça da Gréve. Pardaillan estremeceu como se acordasse de um belo sonho, e, com uma espécie de admiração, voltou-se para olhar.

Dissemos admiração como se não estivesse êle ameaçado, como se aquela horda de cavalheiros que via aproximar-se não viesse em seu encalço...

Era, com efeito, Pardaillan uma natureza excessivamente sensível. Sob aquele exterior frio, por vezes teatral e irônico, ocultava uma imaginação prodigiosa. Esta o transportou a dezesseis anos atrás e o fez esquecer a formidável cena da praça da Gréve. Perpassavam em seu espírito as situações passadas, e a visão da mulher que tanto amara viva e que, morta, guardava em seu coração, com inefável lembrança.

Mas Guise, Fausta, Maineville, voltados de seu assombro, não tinham motivo para esquecê-lo.

Guise e Fausta ficaram sós junto do estrado. Já não pensavam em marchas triunfantes para a Notre-Dame, para o Louvre...

Passados poucos instantes, alguns cavalos foram apanhados e formou-se um grupo, que partiu em perseguição de Pardaillan. Chegavam quase sôbre êle quando os gritos o despertaram. Violentamente, voltou á realidade. Esporeou o cavalo; o animal relinchou de dor e partiu, precipitando-se por uma rua estreita. Atrás corriam os seus perseguidores.

— Bom! — resmungou o cavalheiro. — Ei-los desviados.

Pensava em Violeta e Carlos. Galopava furiosamente; as ferraduras de seu cavalo lançavam fagulhas; atrás de si ouvia os gritos, gritos de morte; atravessando diversas ruas, chegou á de S. Antônio; clamores saudavam essa cavalgada infernal. E êle pensava:

— Pobre duquezinho! E êle queria suicidar-se! Como se amam! Que sejam felizes e tenham muitos filhos... é o que lhes desejo...

— Pára! Pára! — urravam os perseguidores.

— A' fôrca os vagabundos! — vociferavam os burgueses que viam passar aquela cavalgada.

— Agora estão em segurança — pensava Pardaillan. — Se Carlos tiver dois dedos de espírito, hoje mesmo procurará um padre para abençoar a sua união... Depois sairá de Paris e irá a Orleans... E dirá: "Senhora minha mãe, fui procurar vingança e trago-vos o amor! Por que me destes um coração tão terno?" Parece que o estou ouvindo — terminou Pardaillan.

— Mata! Mata! — ruglam atrás dêle.

Os primeiros perseguidores estavam quasi a alcança-lo; já ouvia a respiração rouca dos animais esfalfados; êle corria esporeando sempre o cavalo e pedindo-lhe um supremo esfôrço. Para onde ia? O instinto guiava-o.

— As portas de Paris estão fechadas — pensou, dirigindo-se para a esquerda e fazendo uma volta.

Entrara no centro de Paris... A malta voltava também. Muitos cairam; mas ainda havia uns trinta, pelo menos.

Que queria Pardaillan? Esperava esgotá-los, dizimá-los e, por fim, voltando-se teria uma tentativa desesperada para sua salvação?

Um homem perseguido tem sempre a multidão contra si; velhos instintos do animal carnívoro e caçador despertam quando alguém é acusado; e se a caça cai, cada um quer a sua parte. Pardaillan sabia-o perfeitamente. Só tinha esperança na agilidade e fôrça do animal que montava. Se os perseguidores estavam melhor montados, êle estaria perdido.

Pardaillan estava em Paris como em uma grande ratoeira. Não podia sair. Por onde passava ouvia gritos de morte.

Para onde ir?... Seu cavalo fraquejava; estava coberto de sangue. Com as vestes despedaçadas, com a espada desembainhada atravessada no selim, corria como uma visão formidável.

Ninguém procurava detê-lo. Parecia que tôda Paris gritava contra um só homem. Para onde ia? Não sabia! Agora, no fundo de sua alma, só existia ódio... O ódio que lhe dera coragem de viver depois da morte de sua adorada!

— Morrer! Morrer!... Sem ter morto Maurevert!...

Lançou um olhar em volta de si e ainda nesse trágico momento conservava a ponta de ironia nos lábios... Morrer!... E Maurevert!... Ia agora viver descansado! O assassino de Luiza! Que ironia do destino!

Uma luz fulgurou em seu espírito!... Estava na rua de Saint Denis... e nessa rua ficava o albergue da Deviniére... Um abrigo possível...

(Continúa no próximo número)

CONVIDADOS A VISITAR A AMÉRICA DOIS CONHECIDOS CORREDORES SUÉCOS.

CONFORME informa a legação da América em Estocolmo, os dois corredores suécos, Gunder Hagg e Arne Anderson, foram convidados a participar das competições esportivas nos Estados Unidos. Êles permanecerão naquele país durante dois mêses. A primeira corrida realizar-se-á na California. Os campeões viajarão de avião. A partida de Estocolmo deve ter-se dado em principio de novembro.

BRUTALIDADE GERMANICA

EM Amsterdam, a brutalidade germanica criou uma nova modalidade de comércio: a compra e venda de pedaços de queijo no mercado negro. Os nazistas fizeram ir pelos ares os armazens, com todos os seus antigos, e agora os holandeses recolhem os pedaços de queijo que encontram, para depois vendê-los ou trocá-los por outros artigos.

A barbaridade do ato não causa estranheza pelo que de estúpido encerra, mas antes, pelo fato de não existir abundancia na Alemanha. Todavia, é possível que os nazistas tenham compreendido ser impossível a realização de qualquer transporte de vulto, atualmente, enquanto perdurar a greve ferroviária holandesa, que prossegue inflexivelmente na região da Holanda ocupada pelo inimigo.

SE A MORTE NÃO CHEGA ANTES...

A varíola começa bruscamente, vom dor de cabeça, dores pelo corpo, vômitos e febre alta de 39 a 40 graus. No fim do 2º ou 3º dia, começam a aparecer pequenas manchas, um pouco salientes e de coloração vermelho-pálidas: são as "maculas", Estas se transformam em pequenas papulas, que, depois, se apresentam cheias de um líquido incolor, ás "vesículas" A partir do 7º dia, contado do início da doença, as vesículas se *transformam em pústulas. Estas*

"RETRATO DE AUGUSTO LINHARES"

(Lendo o brilhante ensaio do escritor amazonense Péricles Moraes).

E' da Terra da Luz, da terra ardente,
Dêsse Ceará caboclo, hospitaleiro,
Onde forjou a têmpera de obreiro,
Que é apanágio, sem par, de sua gente.

Assim formou-se o clínico excelente
E o moralista arguto que é um celeiro
De saber sem prosápia, sobranceiro
No combate, ao microbio, impenitente.

Cirurgião e enteta da beleza
Feminina assumiu, crente, a defesa,
Como fidalgo e andante cavalheiro.

Misto de poeta, médico e humorista,
Vai prosseguindo, honesto, na conquista
Do coração do povo brasileiro.

JOÃO MARANHÃO.

Kolynos

Hum! Já estou precisando!.....

Para dentes mais alvos
e um sorriso mais alegre